

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

LETÍCIA CONCEIÇÃO CHASSOT

**A PRESENÇA DE VARIANTES DO FUTEBOL NO LÉXICO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: COMO A CULTURA INFLUENCIA O USO DA LÍNGUA**

Porto Alegre

2022

LETÍCIA CONCEIÇÃO CHASSOT

**A PRESENÇA DE VARIANTES DO FUTEBOL NO LÉXICO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: COMO A CULTURA INFLUENCIA O USO DA LÍNGUA**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Graduação em Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da UFRGS, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Chassot, Leticia Conceição
A PRESENÇA DE VARIANTES DO FUTEBOL NO LÉXICO DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO: COMO A CULTURA INFLUENCIA O USO
DA LÍNGUA / Leticia Conceição Chassot. -- 2022.
103 f.
Orientadora: Elisa Battisti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e
Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. Futebol. 2. Cultura . 3. Língua. 4. Variantes
linguísticas. 5. Posicionamento. I. Battisti, Elisa,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LETÍCIA CONCEIÇÃO CHASSOT

**A PRESENÇA DE VARIANTES DO FUTEBOL NO LÉXICO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: COMO A CULTURA INFLUENCIA O USO DA LÍNGUA**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Graduação em Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da UFRGS, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovada com Conceito A em: Porto Alegre, 05 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti – Orientadora

Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Ana Eliza Pereira Bocorny

Departamento de Línguas Modernas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Lia Schulz

Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

À memória de Maria do Carmo Conceição
Sanhotene e Amira Squeff Conceição

AGRADECIMENTOS

Encerro este trabalho agradecendo a todos aqueles que de alguma forma fizeram parte da minha jornada ao longo da graduação. Familiares, amigos, professores, colegas e funcionários da Universidade que tornaram isso possível. Desde 2017, ano em que ingressei na UFRGS, alguns professores do Instituto de Letras contribuíram com destaque para a minha formação. Agradeço como reconhecimento à professora Ana Eliza Pereira Bocorny por ter, desde o segundo semestre, me incentivado quanto ao tema deste trabalho a partir de um seminário que realizei sobre futebol e cultura no ano em que eu ainda era ingressante na Universidade. Agradeço também à professora Lia Schulz por, ao final da minha graduação, ter me instruído previamente sobre os desafios do TCC e, acima de tudo, por ter sido uma parceira. Explicito também meus agradecimentos à professora Elisa Battisti por toda a atenção, comprometimento e orientação neste trabalho. Sua ajuda foi de primordial importância para que o objetivo se concretizasse.

Às colegas e amigas da Letras, Vitoria Valduga e Nathalie Silva, agradeço por terem caminhado ao meu lado neste longo percurso, tornando a graduação muito mais leve. Deixo também meu muito obrigada a todos os amigos e amigas que a Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt me deu: Thaisy Staffa, Marina Moreira, Lucas Garcia, Lucas Prates, Ângela Schönhals e Gabriela Harumi. Depois de muito tempo longe da escola em que nos formamos, há de se aprender que quem fica nas nossas vidas também é família.

Aos colegas de estágio no Colégio Marista Assunção, agradeço pelos momentos de construção na área da Educação e pela amizade hoje consolidada. Obrigada por fazerem parte disso também, Jéssica Garcia, Isabela Linhares, Isabelle Bertaco, Henrique Vargas, Douglas Fonseca, Beatriz Berr e Andresa Estevam. Às amigas da época do cursinho – Gabriela Penna, Júlia Ozório, Letícia Trichês, Bruna Raya e Raphaela Dorneles –, que desde sempre acompanharam minha caminhada na UFRGS, meu muito obrigada. Tenho certeza de que continuarão ao meu lado nas próximas etapas da minha vida.

A uma das minhas melhores amigas, que o destino da trajetória na Letras também fez o favor de juntar a mim, Mariana Moraes, agradeço por estar comigo até nos momentos mais impossíveis. À minha família – por sorte, uma grande família –,

restam os agradecimentos mais especiais por simplesmente estarem ao meu lado todos os dias e por me proporcionarem uma excelente estrutura. Não só os agradeço, mas também atribuo grande parte do mérito a eles: minha mãe, Ana Cristina Lengler; meus tios e dindos, Ana Lúcia e Jean Calbar; meus avós, Antônio Augusto, Anna Maria e Sueli Machado; meus irmãos, Lucas Chassot e Tiago Chassot; meu padrasto, Fábio Rocha; meu pai, Dércio Luiz Chassot Júnior; minhas cunhadas, Ana Beatriz e Larissa Araújo; e ao nosso cachorro, carinhosamente conhecido como Buddy “Love”, por ser uma presença de alegria e tornar os dias de escrita do TCC menos pesados.

Enfim, finalizo os meus agradecimentos com o coração cheio de gratidão por essas pessoas – e por todas as demais que não tive espaço de citar diretamente. Também reconheço aqui o papel da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seus espaços como parte importante da minha vida. Por fim, agradeço a todos os docentes, técnicos e terceizados por garantirem uma educação pública de qualidade para mim e para todos os meus colegas.

“Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: a vitória final, na Copa da Suécia (1958), operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com ‘x’ iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: — analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do ‘lance a lance’ da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.” (RODRIGUES, Nelson. É chato ser brasileiro!. In: CASTRO, Rui. (org.). À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 60)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema principal a análise da influência que o futebol exerce no léxico do Português Brasileiro. Tem como objetivo central a compreensão do que motiva o uso de expressões linguísticas desse esporte a partir de uma abordagem sociolinguística, explorando quem são os falantes que utilizam tais expressões e quais são os seus posicionamentos perante o conteúdo das mensagens e perante os interlocutores. O objetivo específico é testar a hipótese de que o uso de variantes futebolísticas fora do meio esportivo possibilita que os falantes se aproximem linguisticamente da sua audiência. Para isso, a análise será qualitativa e discutirá exemplos de 16 (dezesesseis) termos do futebol retirados de textos jornalísticos de *sítes* na internet. Os resultados apontam que existe uma diversidade de atitudes e posturas nos enunciados analisados, bem como de equivalências das variantes do futebol dependendo do contexto. O futebol é um elemento notável da cultura brasileira, por isso os sentidos oriundos desse esporte se cristalizam na língua cotidiana, uma vez que se constroem por meio de práticas sociais e culturais na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Futebol. Cultura. Língua. Variantes linguísticas. Posicionamento.

ABSTRACT

The current work has as main theme the analysis of the influence that football has on the lexicon of Brazilian Portuguese. Its central objective is to understand what motivates the use of linguistic expressions of this sport from a sociolinguistic approach, exploring who are the speakers who use such expressions and what are their stances towards the content of the messages and towards the interlocutors. The specific objective is to test the hypothesis that the use of football variants out of the sports context allows speakers to get linguistically closer to their audience. For this, the analysis will be qualitative and will discuss examples of 16 (sixteen) football terms taken from journalistic texts on internet sites. The results indicate that there is a diversity of attitudes and stances in the analyzed statements, as well as equivalences of football variants depending on the context. Football is a notable element of Brazilian culture, so the meanings from this sport are crystallized in everyday language since they are built through social and cultural practices in Brazilian society.

Keywords: Football. Culture. Language. Linguistic variants. Stance.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Gêneros e formatos na comunicação segundo Mendez; Villalta e Batista (1998)	30
Quadro 2 - Principais resultados da análise qualitativa da pesquisa	88
Tabela 1 - Os 16 termos do futebol de maior incidência nos três veículos jornalísticos investigados, a serem analisados neste trabalho	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

cf. conforme

etc. *et cetera*

ex. exemplo

AD Análise de Discurso

CBD Confederação Brasileira de Desportos

CBF Confederação Brasileira de Futebol

CPTPP Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership¹

IBOPE Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

OAB Ordem dos Advogados do Brasil

PB português brasileiro

¹ Sigla em inglês para Acordo Abrangente e Progressivo para a Parceria Transpacífico (tradução feita pela autora).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUTEBOL COMO DRAMATICIDADE, SIMBOLISMO E REFLEXO SOCIAL	17
2.1 A DRAMATICIDADE PRESENTE NO FUTEBOL	17
2.2 O FUTEBOL COMO SIMBOLISMO E REFLEXO SOCIOCULTURAL	19
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
3.1 CULTURA, SOCIEDADE E LINGUAGEM	25
3.2 TEXTOS JORNALÍSTICOS: CARACTERIZAÇÃO	28
3.3 A SOCIOLINGUÍSTICA DO POSICIONAMENTO	33
4 METODOLOGIA	39
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	44
5.1 PENDURAR AS CHUTEIRAS	44
5.2 BOLA DIVIDIDA	47
5.3 CANELADA	50
5.4 DAR UM OLÉ.....	52
5.5 DRIBLAR	55
5.6 CARTÃO VERMELHO	57
5.7 BATER NA TRAVE	60
5.8 GOLEADA	62
5.9 JOGADA ENSAIADA	65
5.10 AOS 45 DO SEGUNDO TEMPO	67
5.11 CHUTAR	70
5.12 EM TIME QUE ESTÁ GANHANDO NÃO SE MEXE	72
5.13 EMBOLOU O MEIO DE CAMPO	75
5.14 GOL DE PLACA	78
5.15 PISAR NA BOLA	81
5.16 PONTAPÉ INICIAL	84

5.17 RESULTADOS DA ANÁLISE	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
6.1 CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS	94
ANEXO A – AS 46 (QUARENTA E SEIS) EXPRESSÕES LEVANTADAS AO TOTAL	102

1 INTRODUÇÃO

A língua, no seu sentido social, é um importante instrumento da comunicação humana, e é através dela que os falantes firmam suas identidades. Os indivíduos, ao longo de suas vidas, constroem identidades de acordo com suas vivências em sociedade, o que se manifesta em suas práticas sociais, entre elas, as práticas linguísticas. Por isso, é possível conceber que a língua, a cultura de um povo e suas identidades são três pilares mutuamente interligados. Os três estão sujeitos a mudanças, sendo que a língua consolida a cultura e é um importante fator de identificação social (COELHO e MESQUITA, 2013).

Nesse sentido, o futebol se apresenta como um elemento de suma importância na construção de identidades culturais, uma vez que, no Brasil, ele tem se situado no centro da abordagem de questões relacionadas a fenômenos sociais (RINALDI, 2000). É no período da Copa do Mundo de 1970, realizada no México, que o futebol se instaura como paixão nacional, uma vez que, naquele ano, o escrete brasileiro de futebol conquistou o tricampeonato mundial. Foi a primeira seleção nacional a conseguir tal feito, o que aumentou a influência econômica, social e política sobre o esporte em questão no país (TRICHES, 2020).

Dessa forma, por ser um fator de marcada presença no imaginário cultural brasileiro, o futebol passa a ter notada influência também na linguagem cotidiana, pois os brasileiros utilizam o “futebolês” – variadas expressões advindas do futebol – para se expressarem no dia a dia (KUPPER, 2020). Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é compreender o que motiva o uso dessas expressões linguísticas a partir de uma abordagem sociolinguística, dentro da qual se analisará quem utiliza essas variantes linguísticas do futebol, com quem esses falantes estão dialogando, isto é, quem são seus interlocutores, e principalmente qual é o posicionamento de quem usa tais variantes perante o seu público e perante o conteúdo da mensagem (KIESLING, 2009), tendo em vista que essas expressões futebolísticas são o principal objeto de estudo desta pesquisa. O objetivo específico deste trabalho é testar a hipótese de que o uso das expressões futebolísticas fora do meio esportivo possibilita que os falantes se aproximem linguisticamente da sua audiência (seus interlocutores), principalmente no contexto dos gêneros jornalísticos, *corpus* da análise que será exposta nas próximas linhas.

A fim de testar essa hipótese, será desenvolvida ao longo do trabalho a análise dos significados sociais evocados pelas expressões futebolísticas levantadas de textos jornalísticos, ou seja, qual é a equivalência dessas variantes e qual é a contextualização social da produção: o veículo, o gênero textual, o tema, bem como a persona (identidade social), o objetivo e a postura de quem escreve.

Para isso, foram coletados, para análise qualitativa posterior, dados de textos de alcance público em três *sites* distintos de textos jornalísticos na internet: *G1* (g1.globo); *Folha de S. Paulo* (folha.uol) e *IstoÉ* (istoe.com). A escolha pela delimitação da pesquisa a textos de gêneros jornalísticos se deu pelo fato de que usualmente esses gêneros utilizam uma linguagem e uma abordagem, em termos de conteúdo, mais próxima do cotidiano, ao veicular informações e opiniões que atingem uma circulação ampla (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). O levantamento dos dados se deu por meio de pesquisa nos três referidos *sites*, cujas variantes selecionadas previamente pela pesquisadora foram encontradas em dicionários físicos e *online* voltados especificamente para a temática do futebol.

Partindo da coleta de dados, a análise buscará esclarecer qual é a postura de quem utiliza as variantes futebolísticas para com o seu público e para com a situação comunicativa, com base na sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009). A problemática explorada é a das motivações do uso de termos do futebol, especialmente em contextos nos quais o futebol não é o tema central.

A questão é importante por aprofundar a compreensão da cultura e da identidade do povo brasileiro a partir do exemplo do futebol e seus efeitos na linguagem. Por ser tão presente no cotidiano da sociedade tupiniquim, esse esporte acaba por influenciar os usos dos falantes de português brasileiro (PB). No Brasil, país de demasiadas paixões clubísticas e vivências futebolísticas, aflora uma linguagem peculiar vinda do futebol, dentro e fora do contexto esportivo (RIBOLDI, 2008). Com isso, o trabalho se justifica na perspectiva em que, por meio da análise dos dados coletados sobre variações no léxico provocadas pelo futebol, nos ajuda a entender que a língua, vinculada à cultura social, constrói identidades (COELHO e MESQUITA, 2013). Assim, a pesquisa permite tanto a compreensão das marcas deixadas pelo futebol no léxico do PB quanto o papel da variação linguística na construção de identidades sociais. Vale ressaltar ainda que, como teoria central que guiou a presente pesquisa, a sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009) é inédita e, nesse

sentido, pouco explorada no que diz respeito ao estudo de variações e variantes linguísticas no Brasil. Pode-se dizer, com isso, que este trabalho, ao analisar a influência do futebol no léxico do PB na perspectiva desta teoria, se mostra academicamente importante para a área de estudo supracitada.

Diante do exposto, é possível estabelecer, ainda, que o futebol, elemento inegavelmente enraizado na cultura brasileira, é constituído sobretudo de um simbolismo que permite enxergar a sociedade brasileira e sua expressão cultural (RINALDI, 2000). Tal simbolismo é, na expressão linguística, resgatado pelos termos do futebol, utilizados para veicular posturas dos interlocutores, posturas essas que organizam as atividades discursivas em andamento (KIESLING, 2009).

2 FUTEBOL COMO DRAMATICIDADE, SIMBOLISMO E REFLEXO SOCIAL

Por que o futebol tem tamanho valor social e cultural no Brasil? Este capítulo discorre sobre a conexão entre aspectos desse esporte e sua associação com as dinâmicas culturais brasileiras. Nesse contexto, busca-se compreender quais elementos presentes na cultura tupiniquim se associam ao esporte em questão de modo a enraizá-lo nas matrizes socioculturais do país. São expoentes dessa associação a dramaticidade que permeia o futebol e o forte teor de simbolismo que esse esporte tem na sociedade brasileira.

2.1 A dramaticidade presente no futebol

O futebol é um esporte bastante presente no Brasil, indissociável do meio social e da cultura brasileira. Segundo DaMatta (1982, p. 21), o “futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. Com isso, o autor torna mais clara a ideia de que o futebol deve ser estudado não em um contexto separado da sociedade, mas sim junto dela, uma vez que esse esporte é potencializador de uma série de dramatizações na sociedade brasileira (DAMATTA, 1982).

Tal dramaticidade que permeia o futebol permite entender traços constantes na cultura do Brasil. O esporte bretão, como é conhecido o futebol, é um potencial representante da cultura brasileira em sua forma historicamente construída (RINALDI, 2000). Dessa forma, Rinaldi (2000, p. 168), ao citar Daólio (1997, p. 122), destaca que:

“O futebol brasileiro visto como uma prática social também se constitui num meio pelo qual os indivíduos expressam determinados sentimentos... O fato de torcer por um time mesmo quando esse não ganha títulos durante muitos anos pode ser vivido como um teste de fidelidade. Suportar as gozações de torcedores contrários após uma derrota põe à prova a paixão pelo time, mesmo nos momentos difíceis. Vencer um jogo contra um time tecnicamente mais forte reaviva a crença em um ser superior que realiza milagres.”

Nesse contexto, conforme explicita DaMatta (1982), o futebol é um jogo que a todo instante mobiliza regras (universais e individuais) com os resultados de vitória, empate ou derrota. A prática esportiva metaforiza o destino dramático, bastante comum na sociedade, sendo precisamente essa conexão complexa entre regras,

times, adversários e imprevisibilidade que dramatiza o futebol (DAMATTA, 1982). Dessa forma, o esporte pode ser tido como uma metáfora da vida cotidiana, permitindo expressar conflitos basilares da existência humana, como *homens x adversidades impessoais* (DAMATTA, 1982). Esse estudo das dramatizações do futebol feito por DaMatta (1982) abriu as portas, acima de tudo, para o entendimento do referido esporte como fonte de identidade social, que no caso do Brasil tem estrita relação com a cultura popular.

Em consonância a essa ideia de dramatização, o futebol também pode ser entendido como um aspecto de domínio da cultura e da memória popular do Brasil, já que, além da fruição esportiva, política e profissional, o esporte bretão é vivido e falado nas mais variadas formas e camadas sociais, sendo constantemente perpetuado com misticismo pela mídia e pelas conversas cotidianas em encontros entre os indivíduos, o que impregna o futebol na cultura e no imaginário social (TOLEDO, 1996). Tal popularidade do futebol pode ser atribuída ao seu aspecto marcadamente democrático, já que sua prática não exige muitos aparatos. Citando Souza (2015, p. 46), Kupper (2020, p. 176), afirma que “as classes mais baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol [...] não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, [...] o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial”. A ampla adesão dos brasileiros ao futebol como prática esportiva se deu por ser uma prática social agradável e de fácil acesso (KUPPER, 2020). Isso transformou gradativamente o futebol em um dos principais meios de identificação coletiva, além de o esporte se concretizar como uma fonte importante do estilo de vida e de *personae* na sociedade.

Uma outra perspectiva interessante trazida por DaMatta (1982) evidencia a ideia do “futebol como ópio do povo” (DAMATTA, 1982). Para tal, o autor veicula reflexões sobre o que é o futebol para a sociedade numa perspectiva que muito se assemelha à tradição de “Pão e Circo” dos líderes romanos, já que, segundo ele:

“[...] se o futebol existe socialmente como uma instituição importante, é porque ele deve estar desempenhando um certo papel social bem determinado em relação à sociedade. No caso, o seu papel é desviar a atenção e mistificar o povo. Ou seja, só quem sabe o real papel do futebol na sociedade brasileira é a camada dominante (que o utiliza como ópio das massas) e os críticos da sociedade. A massa permanece na escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano.” (DaMatta, 1982, p. 22)

Sobre a interpretação de DaMatta (1982) é importante considerar que o futebol pode servir não somente como um elemento de distração de massas, mas também como um importante reflexo social, sendo, inclusive, um bom modo de compreender a sociedade (TRICHES, 2020). Nesse sentido, Lopes (2020) levanta questões relevantes no que diz respeito aos índices de violência (física e moral) evidenciadas no meio futebolístico, que servem de exemplo para que se entenda que essas problemáticas são originadas de fora do futebol para dentro dele, e não o contrário.

Nesse contexto, em outro momento do seu ensaio, DaMatta (1982) expõe a relação *sociedade x futebol*, permitindo ao leitor compreender que o futebol, assim como o Carnaval e a religião, é uma esfera através da qual pode-se filtrar e entender o Brasil (DAMATTA, 1982). Tal perspectiva foca no aspecto do drama enquanto parte constituinte de uma sociedade em formação; dessa maneira, o futebol é uma ideologia que permite a compreensão do ritmo comportamental e cultural da sociedade (DAMATTA, 1982). Com relação a isso, DaMatta (1982) também caracteriza o esporte como algo do qual não se fala, mas sim se discute, estabelecendo uma relação explícita e verbalizada entre futebol e política, tamanha a dramaticidade que esse esporte carrega. Além do exposto, DaMatta (1982) ainda pontua, ao final do ensaio, que o futebol permite à sociedade o entendimento do sistema de regras, leis e hierarquia, ao evidenciar que a noção de vencedores e perdedores deve ser aceita por quem assiste o futebol, o discute e o joga (DAMATTA, 1982).

2.2 O futebol como simbolismo e reflexo sociocultural

A dramatização dos desafios da sociedade brasileira proporcionada pelo futebol permite que entendamos, também, o quão representativo é o esporte bretão em termos de simbolismo, a ponto de refletir o comportamento e o sentimento da sociedade em determinado momento histórico. Segundo DaMatta (1982, p. 40):

“Numa sociedade internamente dividida em múltiplas esferas, cada qual com uma ética diferenciada, e até mesmo opostas (embora complementares entre si), instituições que permitem essas junções da casa com a rua, do cidadão com o pai de família, do membro do governo com a massa de pessoas da cidade, dos deuses que tudo sabem e podem com os homens que pedem aqui embaixo, são instituições fadadas ao sucesso e a servir como meios privilegiados pelos quais a vida se define com sua força e sua plenitude em sociedades como a brasileira.”

Como um legítimo representante da cultura brasileira (RINALDI, 2000), o futebol é um instrumento, conforme já explicitado, que representa de maneira simbólica a ideologia e o sentimento de pertencimento dos sujeitos sociais. Essa perspectiva relaciona-se a três momentos históricos do futebol brasileiro: a Copa de 1938, a Copa de 1950 e a Copa de 1994.

Na Copa do Mundo de 1938, ocorreu uma cobertura especial da imprensa esportiva, com os jogos sendo transmitidos pelo rádio, para além do fato de que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), promoveu grandes campanhas acerca do evento esportivo, convocando a nação inteira para apoiar o esporte brasileiro (RINALDI, 2000). Com isso, se concretizou socialmente um sentimento de valorização nacional, posto que se vendeu à época a ideia não somente de uma disputa esportiva, mas também de uma afirmação patriótica, com o objetivo de, por meio do esporte, mostrar a força do Brasil (RINALDI, 2000). Essa ideia foi complementada, por fim, pelo terceiro lugar conquistado pelo Brasil no campeonato em questão. De acordo com Rinaldi (2000, p. 170), tal campanha veio no sentido de “reforçar a identidade nacional do Brasil, com os atletas brasileiros deixando, na ‘civilizada’ Europa, uma ótima impressão e fazendo com que crescesse, na população, o sentimento de orgulho nacional.”

Ademais, a Copa de 1950 – com a fatídica perda do título para a seleção uruguaia em casa, no Estádio Maracanã, mesmo que o Brasil jogasse com a vantagem do empate – marcou uma espécie de pessimismo em meio à sociedade brasileira, que buscava àquela época justamente uma afirmação do Brasil enquanto potência (DAMATTA, 1982). Desse modo, a derrota da seleção nacional reavivou um modelo pessimista, que considerava, inclusive, os conceitos de golpe do destino e má-sorte (DAMATTA, 1982).

Em contrapartida, no período da Copa do Mundo de 1994, com o Brasil já tricampeão mundial, criou-se na sociedade um culto, perpetuado sobretudo pela imprensa, da figura do herói-nacional, da genialidade individual e do improviso típicos do brasileiro. Nesse contexto, importa mais a individualidade e o talento do sujeito do que o trabalho coletivo. Essa visão se disseminou com a contribuição dos jornais esportivos e a cobertura da imprensa, não só a brasileira, mas também a mundial, que concentravam grande parte dos méritos e do êxito da conquista do tetracampeonato brasileiro nas figuras de Romário e Bebeto, fazendo com que o mundo vivido pelos

ídolos do futebol se refletisse no dia a dia dos brasileiros, não importando a origem social dos cidadãos (RINALDI, 2000).

Tais perspectivas – de dramaticidade do futebol e do seu poder como símbolo ideológico e comportamental da sociedade, convertendo-se em um espelho dos grupos sociais – pautadas especificamente nos estudos de DaMatta (1982) e de Rinaldi (2000), abrem espaço para que se possa conceber o futebol como parte do imaginário social e cultural do Brasil, segundo Toledo (1996, p. 15):

“[...] recriando comportamentos, inaugurando linguagens e gírias que, como se sabe, vieram a transcender os limites das praças esportivas, enriquecendo uma linguagem popular e urbana, aproximando segmentos sociais até então separados por uma segregação espacial e étnica.”

Ademais, segundo Rinaldi (2000), essa identificação tamanha com o futebol acontece sobretudo porque esse esporte apresenta certas características como festividade, lazer, cumprimento de regras e transgressão – aqui entra-se na questão do futebol como forte elemento de subjetividade, pautada principalmente na figura do “malandro” –, sendo, com isso, um legítimo representante da cultura brasileira, pois a identificação dos sujeitos ocorre principalmente porque o futebol apresenta essas características (RINALDI, 2000). Citando Soares (1994, p. 8), o autor defende que:

“A construção do tipo ideal de malandro, sobretudo nos discursos, traduz um tipo de existência contraditória no indivíduo que oscila entre a ordem e a desordem, entre a lei e a transgressão. Essa existência contraditória generalizou-se para diferentes esferas da atuação social, inclusive para o futebol, e se modificou em paralelo às transformações sociais. A aproximação entre futebol e malandragem é explicada com facilidade, à medida que as classes populares se apropriaram do futebol; o samba de origem negro-proletária teve na malandragem o seu motor temático nos anos de 1930 e 1950, logo o futebol, o samba e a malandragem constituem a matriz cultural das classes populares no Brasil.”

Rinaldi (2000), dessa maneira, possibilita olhar para o futebol como manifestação cultural que expressa a sociedade brasileira, por meio das subjetividades presentes no esporte, cheias de simbolismos e elementos identitários e ideológicos. Assim, segundo Rinaldi (2000, p. 171), “o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo”.

Em consonância com os estudos citados acima, o artigo *Sociedade e cultura futebolística: a visão e a significância do futebol para o povo brasileiro como um elemento de pertencimento e autoestima* (TRICHES, 2020) aborda sobretudo a influência do futebol na sociedade brasileira. Uma das principais ideias trazidas por Triches (2020) é o surgimento histórico do esporte em questão no Brasil. O futebol começou a ser jogado de modo mais regular no século XIX nas escolas brasileiras em que havia a presença de ingleses e, mais tarde, pelos próprios trabalhadores ingleses que estavam no Brasil (TRICHES, 2020). Mas foi só com a chegada de Charles Miller ao país, inglês que trouxe da Europa o aparato profissional para viabilizar a prática esportiva, que o esporte passou a ser institucionalizado (TRICHES, 2020). Como o futebol é um esporte de fácil entendimento e de acesso barato, ele rapidamente se espalhou na sociedade. Inicialmente, era praticado somente pela elite branca, mas depois a população de outras camadas sociais passou a praticá-lo, o que culminou com a popularidade do futebol. (TRICHES, 2020).

Com isso, uma vez que ricos e pobres se confundiam no mesmo esporte, o futebol, ao longo do tempo e com as conquistas de times e seleções, passou a provocar na população um sentimento de pertencimento. O “jeito brasileiro” de jogar chamou atenção depois que o futebol passou a ser praticado pelo povo. Além disso, o esporte também elevava na população a autoestima, muito por conta da identificação criada com a seleção nacional e com os times e ídolos (TRICHES, 2020). Tais sentimentos estão hoje impregnados nas raízes culturais brasileiras, o que permite examinar o futebol como uma maneira de compreender a sociedade, suas virtudes e seus problemas (TRICHES, 2020). Nesse sentido, Triches (2020, p. 10) se apoia em Daólio (2000, p. 33) para explicitar a influência do esporte bretão na cultura brasileira ao afirmar:

“Quantas músicas retrataram o futebol; quantos filmes, peças de teatro e novelas tiveram o futebol como personagem principal ou como cenário para suas tramas; quantas horas diárias a imprensa televisiva e radiofônica gastam com o futebol; quanto espaço diário de jornal é dedicado a este esporte, em detrimento de outros; quantas emissoras de rádio transmitem o mesmo jogo, nas tardes de domingo.”

Seguindo outro viés de abordagem do esporte na sociedade, Kupper (2020) inicialmente contextualiza, em seu estudo intitulado *O futebol também ensina*, o surgimento histórico do futebol no mundo. Segundo o autor, práticas semelhantes ao

futebol já eram constatadas em países como o Japão, Itália (especificamente em Roma), Grécia, Austrália e na própria Inglaterra antes da sua popularização e institucionalização. O que ocorreu, basicamente, para que a Inglaterra ficasse conhecida como o país fundador do esporte foi que uma convenção de onze representantes de escolas onde o futebol era praticado se reuniram e o institucionalizaram, segundo a maioria das regras que conhecemos hoje (KUPPER, 2020). Em adição à ideia do surgimento do futebol e da relação que o esporte estabelece com a cultura e com a sociedade, Kupper (2020) contextualiza o futebol em torno do capitalismo e da Revolução Industrial, cujo país pioneiro foi justamente a Inglaterra. Muitas semelhanças podem ser notadas entre um e outro, para além da coincidência do uso dos cronômetros e do trabalho em equipe seguindo a divisão de tarefas:

“Os clubes ingleses foram associados ao processo industrial, estruturando-se a partir de empresas siderúrgicas (caso do West Ham), ferroviárias (Manchester United) e armamentistas (caso do Arsenal). Não é à toa que vários clubes tenham adotado nomes ingleses na América do Sul, caso do Banfield, Newell’s Old Boys, River Plate (Argentina), Sport Club Corinthians, River, Tránsito (Brasil), Everton, Green Cross (Chile) e The Strongest (Bolívia).” (KUPPER, 2020, p. 174)

Em um segundo momento, Kupper (2020) esclarece seu posicionamento, presente no título, de que o futebol ensina. Segundo o autor, o esporte ensina a sociedade e seus indivíduos numa perspectiva em que:

“[...] ninguém acompanha futebol apenas para ver seu time triunfar. O faz – mesmo sem clara noção e intenção – para aprender a viver melhor e para compartilhar coisas boas e ruins, em um exercício que pode nos fazer entender que não se pode controlar tudo que ocorre na vida. O torcedor ardoroso equilibrado, ao ver seu time cabisbaixo após um revés, aprende a aceitar fracassos pessoais, o que certamente o faz lidar melhor com a vitória, entendendo que tanto um quanto a outra pode nos ser passageira.” (KUPPER, 2020, p. 177)

Com isso, é possível afirmar, a partir das ideias de Kupper (2020) e dos demais autores supracitados neste capítulo, que o futebol faz parte do imaginário popular e é cultivado pelos indivíduos diariamente, sendo um elemento de notada influência da cultura e da sociedade brasileiras.

Ao mesmo tempo, o futebol como prática esportiva e manifestação cultural introduziu no vocabulário do português itens lexicais que, hoje, estão em variação com termos equivalentes. Por exemplo, o verbo *driblar*, que, conforme o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 713), ingressou no português em 1958 e tem como uma primeira acepção “gingar o corpo controlando a bola com o pé (no futebol, por ex.) ou com a mão (no basquete, por ex.), de forma a escapar das investidas do adversário”, é sinônimo e variante de *evitar*, datado do século XV (cf. HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 851). Como veremos a seguir, os falantes têm à sua disposição, nos termos do futebol, variantes com que acrescentar uma camada de significação – a dos significados sociais – ao que é primariamente denotado no discurso.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão esclarecidas as principais teorias que norteiam este trabalho. Tendo em vista a temática e os objetivos da pesquisa, a presente revisão de literatura se pauta em três matrizes basilares: 1) Cultura, sociedade e linguagem; 2) textos jornalísticos: caracterização; e 3) a sociolinguística do posicionamento. Assim, o objetivo geral deste capítulo é apresentar as teorias que fundamentarão a análise dos dados a ser realizada adiante.

3.1 Cultura, sociedade e linguagem

Em *Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes*, Coelho e Mesquita (2013) analisam de modo qualitativo a influência e a relação mútuas entre as três instâncias presentes no título: língua, cultura e identidade. Tais elementos são complementares e interdependentes porque suas conceituações se influenciam mutuamente. A relação entre eles é imanente pelo fato de que, de acordo com Coelho e Mesquita (2013, p. 33), “a língua identifica o indivíduo como parte de uma sociedade, inserindo-se, portanto, na cultura desta sociedade.” Nesse sentido, segundo as autoras, esses três conceitos são basilares porque a língua constitui a cultura, que por sua vez constitui a identidade social.

De modo geral, Coelho e Mesquita (2013) explicitam que as relações sociais – e a predisposição que temos para elas – só se dão na sua plenitude e complexidade devido à língua, que permite e sustenta as relações em sociedade, sendo a língua, portanto, muito mais do que somente um sistema de regras linguísticas (COELHO e MESQUITA, 2013). Dessa maneira, a língua possibilita aos seres sociais construir e expressar a cultura, suas ideologias e identidades. Ademais, as autoras trazem um interessante aspecto para a discussão: os conceitos de identidade e identificação são mutáveis – e, devido a isso, a cultura e a língua também são mutáveis na mesma proporção (COELHO e MESQUITA, 2013). Assim, não há como pensar a cultura sem a língua, ao mesmo tempo em que a identidade é construída por meio das duas, o que evidencia que a cultura se faz pela língua, construindo perfis e identidades, ao produzir sentidos (COELHO e MESQUITA, 2013).

De modo complementar ao que Coelho e Mesquita (2013) abordam em sua análise, Silva e Sousa (2017), em seu estudo *Língua e sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural*, baseiam-se em Foucault (2000), Labov

(2008) e Bourdieu (2001) para relacionar os conceitos de língua e sociedade, afirmando que “a sociedade humana não se constitui sem a linguagem, da mesma forma que a língua não se realiza fora das relações sociais”. (SILVA; SOUSA, 2017, p. 260). Nesse sentido, língua e sociedade apresentam entre si uma influência mútua: é por meio da linguagem que se tem acesso a determinadas relações sociais de poder, e as mudanças na dinâmica da estrutura social são influenciadas por essas relações (SILVA e SOUSA, 2017). Destarte, a língua não está completamente fora do contexto sociocultural, ou seja, ela não está inserida num vácuo social (SILVA e SOUSA, 2017), pois sua significação e sua equivalência são decorrentes dos diferentes contextos de produção. Os autores se valem das ideias de Labov (2008) para exemplificar que:

“[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.” (LABOV, 2008, p. 21 *apud* SILVA; SOUSA, 2017, p. 264)

Além disso, Silva e Sousa (2017) tocam em outro aspecto importante: já que a língua, tal qual a sociedade, não é estática e engessada, a mudança linguística também não ocorre isolada dos movimentos de classe social. Apesar de ela não ser diretamente determinada pelos movimentos de classes, há uma relação entre ambos. Nesse contexto, os autores propõem que considerar a existência de uma língua homogênea é considerar também a existência de uma sociedade homogênea, haja vista que a língua representa os valores socioculturais dos falantes (SILVA e SOUSA, 2017), o que não é plausível, já que as sociedades são naturalmente heterogêneas. A língua não está, dessa forma, desconectada das relações sociais. As diferenças existentes em uma associam-se às da outra. Portanto, é inegável que há uma relação de influências mútuas entre língua e sociedade.

Entrando no aspecto do futebol como elemento sociocultural com influência na língua, o artigo escrito por Oliveira e Ferrarezi (2015), *A Influência do Futebol no Léxico do Português Brasileiro*, busca mostrar aos leitores a notável influência do futebol na língua usada pelos falantes do PB. Os autores começam por explicitar a relação que o futebol mantém com a cultura do Brasil, sendo o esporte uma das principais fontes de identificação sociocultural do povo tupiniquim (OLIVEIRA e FERRAREZI, 2015). A partir dessa ideia, Oliveira e Ferrarezi (2015), ao mesmo tempo

em que explicitam por meio de Ferrarezi (2010) a relação mútua entre cultura e linguagem (OLIVEIRA e FERRAREZI, 2015), apontam que o futebol, por se tratar de uma parte essencial da cultura do país, influencia diretamente o uso do PB do dia a dia, com expressões idiomáticas e termos advindos do esporte bretão que fazem parte do léxico popular cotidiano (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015).

Segundo Oliveira e Ferrarezi (2015), já que o futebol é uma parte constituinte e bastante marcada na cultura brasileira, o fato de os falantes do PB utilizarem diversas expressões cotidianas oriundas desse esporte evidencia que a língua em uso está diretamente relacionada à cultura e à visão de mundo dos indivíduos (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015).

“[...] os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo, os sentidos expressam, além de suas associações referenciais, valores culturais e, assim, geram a impressão desses valores nas mentes dos falantes.” (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015, p. 4)

Desse modo, quando um falante do PB utiliza, por exemplo, a expressão “pisar na bola” como variante de cometer algum deslize ou algum equívoco, ele está usando uma linguagem metafórica que não necessariamente implique que seu interlocutor precise ter noções básicas de futebol (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015). Conforme dizem os autores, “essa situação ocorre porque os sentidos das palavras são culturalmente determinados, e ao fazer parte de nossa cultura, o futebol acaba por se materializar no léxico.” (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015, p. 4)

Logo, de acordo com o que constatam Oliveira e Ferrarezi (2015), as variantes vindas do futebol presentes no léxico do PB são utilizadas pelos falantes em contextos sociais que transcendem os meios futebolísticos, o que evidencia a significância desse esporte na sociedade brasileira. Ademais, os indivíduos não sentem, de modo geral, dificuldade em atribuir significados e sentidos a essas expressões, o que transforma o futebol em um elemento comum da linguagem cotidiana, a ponto de os falantes, independentemente de gostarem desse esporte ou de se relacionarem com ele, entenderem e utilizarem essas variantes no dia a dia (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015).

“As expressões idiomáticas oriundas do futebol se fazem presentes em textos de jornais, revistas, blogs dos mais variados temas e graus de formalidade. Isso demonstra a influência do futebol em nosso léxico e, ainda, que seu uso não está restrito às falas e textos mais informais,

tendo em vista que suas expressões são encontradas inclusive em textos jornalísticos de veículos de mídia de grande circulação e em assuntos que nada remetem ao futebol.” (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015, p. 9)

Interessa especialmente a este trabalho a veiculação de visões de mundo, posturas ou posicionamentos pelo uso de termos do futebol em textos jornalísticos, o que obedece a características intrínsecas a esse tipo de produção. Nesse sentido, a diferença desta pesquisa para o estudo feito por Oliveira e Ferrarezi (2015) se encontra justamente no fato de que, aqui, há um desenvolvimento teórico voltado de maneira mais aprofundada à sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009). Desse modo, o presente trabalho se dedica a explorar as questões ligadas ao estilo e à construção de *personae* quando do uso de expressões do futebol no léxico não-especializado do português brasileiro.

3.2 Textos jornalísticos: caracterização

Em seu estudo sobre os gêneros jornalísticos, intitulado *Gêneros jornalísticos: repensando a questão*, Medina (2001) parte de uma reflexão sobre a questão dos gêneros de forma geral. Afirma que os gêneros são fluidos, mutáveis e dependentes das condições socioculturais do contexto no qual estão inseridos. Assim sendo, a quantidade e as características dos gêneros dependem da sociedade em que são produzidos (MEDINA, 2001). Através de Bakhtin (1997), Medina (2001) passa a ideia de que os gêneros são capazes de organizar as manifestações linguísticas das mais diversas formas. Medina (2001, p. 46) traz para o seu texto as ideias de Bakhtin (1997) ao afirmar que “é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio [...]”.

Ao entrar especificamente na questão dos gêneros midiáticos e jornalísticos, Medina (2001) explicita que classificar tais gêneros é importante para a compreensão dos discursos presentes nos textos voltados para a comunicação em massa (MEDINA, 2001), visto que os textos jornalísticos têm como principal função relatar ao grande público as principais informações do cotidiano, valendo-se de certos recursos expressivos (MEDINA, 2001). Assim, a base de todos os gêneros jornalísticos em sua essência é a notícia, pois:

“[...] o acontecimento constitui o referente de que se fala. Lemos as notícias acreditando que elas são um índice do real; lemos as notícias acreditando que os profissionais do campo jornalístico não irão transgredir a fronteira que separa o real da ficção. E é a existência de um ‘acordo de cavalheiros’ entre jornalistas e leitores pelo respeito dessa fronteira que torna possível a leitura das notícias enquanto índice do real.” (MEDINA, 2001, p. 48)

Outro aspecto importante da discussão apresentada por Medina (2001) é o de que os gêneros jornalísticos em específico são condicionados também por questões subjetivas, isto é, dependem do estilo do jornalista (e o do jornal) de se comunicar com seu público, sendo, com isso, “a objetividade jornalística um mito” (MEDINA, 2001, p. 51). Nesse sentido, segundo Campos-Toscano et al (2014), na ideia bakhtiniana, é impossível ser completamente neutro em um enunciado, uma vez que, ao empregar determinadas palavras, estruturas e expressões, são produzidos efeitos de sentido repletos de ideologias e vozes sociais (CAMPOS-TOSCANO et al, 2014). Assim, uma das estratégias adotadas por alguns jornais, sobretudo pela *Folha de S. Paulo*, é a de colocar muitos discursos diretos nos textos jornalísticos, a fim de criar um efeito de imparcialidade, pautado pelo uso da voz do outro. (CAMPOS-TOSCANO et al, 2014).

“[...] o estilo e a composição estão ligados ao valor atribuído pelo enunciador a um determinado enunciado, ou seja, à expressividade, às entonações dadas, enfim, ao caráter emotivo, valorativo e expressivo desse enunciador que, preocupado com o destinatário e com sua reação-resposta, acaba por empregar ou não determinados recursos linguísticos.” (CAMPOS-TOSCANO, 2009, p. 35 *apud* CAMPOS-TOSCANO et al, 2014, p. 11)

Ademais, Medina (2001) organiza a divisão dos textos jornalísticos em: 1) gêneros informativos (notícia, nota, reportagem, entrevista, título e chamada); 2) gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, carta e crônica); 3) gêneros utilitários (roteiro, obituário, indicadores, campanhas, testes e apostilas); 4) gêneros ilustrativos (gráficos, tabelas, quadros, ilustrações, caricatura e fotografia); 5) propaganda (comercial, institucional e legal); e 6) entretenimento (passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, charadas, horóscopo, dama, xadrez e novelas) (MEDINA, 2001).

Em síntese, pode-se dizer que as classificações de gêneros devem considerar sempre o momento histórico e o contexto em que são produzidos (MEDINA, 2001), já

que eles servem como marcadores e potencializadores do estilo dos profissionais que trabalham com as mídias e com a comunicação massiva (MEDINA, 2001).

Em consonância às ideias de Medina (2001), Mendez; Villalta e Batista (1998), em *Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal Folha de S. Paulo e da revista Veja*, expõem a importância de definir gêneros, uma vez que esse conceito é bastante aplicado e essencial no jornalismo. Segundo os próprios autores, os gêneros contribuem para o conhecimento empírico que se tem da comunicação humana, bem como sua dinâmica, sua natureza e a relação entre forma e conteúdo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), sendo o jornalismo uma busca pela captação dos leitores, interlocutores e telespectadores (CAMPOSTOSCANO et al, 2014).

Nesse contexto, Mendez; Villalta e Batista (1998) trazem importantes definições para a classificação dos gêneros periodísticos adotada no próprio estudo sobre a *Folha de S. Paulo* e a revista *Veja*, a partir da ideia de que “cada gênero cumpre uma função específica que responde a diferentes necessidades sociais e as formas de satisfazê-las.” (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998, p. 12). Os gêneros em questão, portanto, podem ser divididos da seguinte forma, de acordo com Mendez; Villalta e Batista (1998):

Quadro 1. Gêneros e formatos na comunicação segundo Mendez; Villalta e Batista (1998)

<i>Classificação</i>	<i>Gêneros inseridos dentro da classificação</i>
1. Jornalismo informativo	Nota, notícia, reportagem, entrevista
2. Propaganda ideológica	Política, religiosa, ineditorial
3. Jornalismo interpretativo	Análise, perfil, enquete, cronologia
4. Propaganda legal	Edital, balancetes, atas, avisos
5. Jornalismo opinativo	Editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica
6. Educação formal	Apostilas, teses
7. Jornalismo diversional	História de interesse humano, história colorida
8. Educação informal	Receitas

9. Jornalismo utilitário	Chamadas, indicador, cotação, roteiro, obituário
10. Entretenimento ficcional	Histórias em quadrinhos, contos, minicontos, novelas, poesia
11. Propaganda comercial	Avulsos, classificados, encartes, calhau
12. Entretenimento passatempo	Palavras cruzadas, charadas, horóscopo
13. Propaganda institucional	Empresarial, governamental, comunitária, corporativa, social, funerária
14. Entretenimento jogos	Dama, xadrez

Fonte: elaborado pela autora com base em Mendez; Villalta e Batista (1998).

Comparando-se as informações no Quadro 1 com a classificação de Medina (2001), percebem-se pontos em comum. A divisão em gêneros de jornalismo informativo, opinativo, utilitário e ilustrativo, com a presença das propagandas e do entretenimento (MEDINA, 2001), é um pouco menos completa do que a de Mendez; Villalta e Batista (1998), que especifica com mais detalhes essas modalidades jornalísticas e as separa em subcategorias – como no caso do entretenimento, por exemplo, que aparece de três formas distintas em Mendez; Villalta e Batista (1998) de acordo com o Quadro 1: entretenimento ficcional, passatempo e jogos.

Em suma, Mendez; Villalta e Batista (1998) concluem que a maioria dos gêneros discriminados acima são bastante comuns na *Folha de S. Paulo*, que dá prioridade para o jornalismo informativo, sem deixar de abordar o jornalismo utilitário e o jornalismo opinativo, espaço comumente destinado às manifestações dos leitores (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). Já na revista *Veja*, a maior incidência é sobre as propagandas comerciais e institucionais, sendo que o calhau e os classificados, presentes no jornal *Folha de S. Paulo*, tendem a desaparecer da revista (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). Ademais, no quesito jornalismo, a revista prioriza quase que exclusivamente a informação e a opinião, sendo que “às vezes, é difícil distinguir (na revista) se uma mensagem é puramente informativa ou se é interpretativa.” (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998, p. 21).

Por outro lado, analisando o aspecto específico do jornalismo feito no espaço *online*, Daniela Bertocchi (2005), em *Gêneros jornalísticos em espaços digitais*, evidencia o surgimento ainda novo, àquela época, do jornalismo feito no espaço

digital. A autora trata o *ciberjornalismo* – termo que ela adota para designar a prática jornalística no meio digital – como algo promissor (BERTOCCHI, 2005), sendo que, nos dias atuais, essa modalidade está totalmente consolidada, tendo em vista que o jornal é um elemento cultural (CAMPOS-TOSCANO et al, 2014) e ligado ao momento histórico (MEDINA, 2001).

Para elaborar tal construto, Bertocchi (2005) começa por teorizar o conceito de gêneros jornalísticos, que nascem, segundo ela, da construção dos gêneros literários e passam a adotar uma função mais marcada pelo relato informativo e opinativo (BERTOCCHI, 2005). Tal “transformação” se dá de modo histórico e social, sendo impossível separar uma coisa da outra, já que a:

“[...] literatura existente nos explica que as espécies de gêneros nascem, transformam-se, mesclam-se com outras, originam subgêneros e, eventualmente, morrem. Os gêneros, além disso, não aparecem em estado ‘puro’ na prática: as espécies mantêm fronteiras ambíguas, pontos de contato, aproximações e intersecções.” (Bertocchi, 2005, p. 1291)

Nesse sentido, a autora expõe a classificação dos gêneros jornalísticos em algumas espécies muito importantes para compreendermos as características desse modelo. A primeira delas é o jornalismo ideológico, de caráter bastante opinativo, cujo gênero principal é o artigo; em segundo lugar, vem o jornalismo informativo, pautado sobretudo nas notícias e crônicas; o terceiro tipo é o jornalismo explicativo, que se desenvolve por meio da reportagem; e, por fim, há o jornalismo social, com a análise, o informe, a notícia de situação e o infográfico (BERTOCCHI, 2005). Com isso, os gêneros jornalísticos podem ser divididos, de modo geral, segundo Bertocchi (2005), em informativos, interpretativos, argumentativos e instrumentais.

Por fim, a autora reflete sobre o *ciberjornalismo* como uma vertente jornalística com características inovadoras, nas quais o usuário é o centro da questão (BERTOCCHI, 2005). Além disso, os gêneros jornalísticos produzidos nos meios digitais vendem conteúdos atualizáveis em tempo real, e a linguagem é pautada no hipertexto, na multimídia e na interatividade dos leitores (BERTOCCHI, 2005). Outra grande diferença do jornal digital para o tradicional jornal impresso é que, naquele, há lugar para a abundância de dados, uma vez que a comunicação atinge mais pessoas por mais horas ao longo do dia (BERTOCCHI, 2005).

As três grandes classificações dos gêneros jornalísticos aqui revisadas – de Medina (2001), Mendez; Villalta e Batista (1998) e Bertocchi (2005) – têm, como visto, aspectos em comum. Neste trabalho, seguiremos a de Mendez; Villalta e Batista (1998), mais detalhada do que as demais e mais adequada às fontes de dados consideradas, como será exposto adiante.

3.3 A sociolinguística do posicionamento

A sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009) é uma linha de análise de natureza discursiva e possui elementos em comum com outras linhas de investigação. Por isso, nesta seção, antes de chegar à sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009), serão apresentados estudos afins: Raposo (2008), que realiza uma abordagem enunciativa e argumentativa da linguagem, Basílio (2005), que contribui com aspectos da teoria lexical, e Lopes (2021), que se apoia nas ideias de Kiesling (2019) para tratar de posicionamento aproximando a sociolinguística e a análise de discurso francesa.

Destarte, as ideias de Raposo (2008), em *Expressões idiomáticas do Português do Brasil: uma abordagem discursiva*, voltam-se ao uso de expressões idiomáticas no *corpus* específico dos discursos políticos a partir de perspectivas enunciativas, pautadas nos estudos de Benveniste (1989), e argumentativas, presentes nas teorias de Perelman (1987) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002). Com isso, considerando o *corpus* de estudo, Raposo (2008) une as teorias enunciativas com as teorias argumentativas.

Nesse sentido, de acordo com Raposo (2008, p. 186), “o locutor do texto terá como meta convencer seus alocutários, conduzindo-os a certa conclusão e, para tal, utiliza-se de uma marca enunciativa (as expressões idiomáticas), com o intuito de facilitar a produção dos sentidos e conseqüentemente a interlocução”. A partir disso, Raposo (2008) põe em evidência o conceito de retórica, área que discute a capacidade de persuasão no discurso e é muito baseada no *ethos* (quem fala), no *pathos* (quem recebe) e no *logos* (lugar) (RAPOSO, 2008).

Dessa forma, ao utilizar certas expressões idiomáticas nos discursos, os locutores buscam construir um certo *ethos*, produzindo sentidos de persuasão (no caso dos discursos políticos) que os aproximam do auditório (seus interlocutores), pois a confiança do público no *ethos* diz muito sobre o efeito de um enunciado (RAPOSO,

2008). Assim, com a análise feita por Raposo (2008), pode-se constatar que há um objetivo nos discursos políticos – sem autoritarismo explícito – de construir a imagem do político como um cidadão comum, pois, segundo Raposo (2008, p. 197), “o *ethos* adquire o tom de um político com nuances de cidadão e o caráter de alguém preocupado com aquilo que o seu auditório (povo brasileiro) está recebendo como notícia.”

Já no que diz respeito à questão lexical, o capítulo *Função sintática, função semântica e função discursiva* – nono capítulo do livro *Teoria lexical*, de Basílio (2005) – trata, basicamente, de analisar o léxico a partir de dois blocos essenciais: o da formação das palavras e o da formação dos enunciados (BASÍLIO, 2005). Neste trabalho, se analisará como base especificamente o bloco que diz respeito à formação dos enunciados, tendo em vista os objetivos expostos alhures.

Segundo a autora, a função principal dos enunciados é ser referência no estabelecimento de relações entre o falante e o ouvinte, através, é claro, de códigos – seres, eventos, situações, estados etc (BASÍLIO, 2005). Com isso, vale destacar que a formação dos enunciados também leva em conta a formação das palavras, pois estes processos se ligam a questões semânticas que influenciam os enunciados (BASÍLIO, 2005).

“O enunciado, por sua vez, pode ser encarado pelo menos de dois pontos de vista: de um ponto de vista mais global, no qual poderíamos incluir vários aspectos, desde a atitude do falante frente ao que está falando ou à situação de fala (discurso formal ou informal, distanciamento ou não, atitudes subjetivas, etc.) até a consideração da estrutura global do enunciado com seus diferentes pontos de conexão [...]” (BASÍLIO, 2005, p. 67)

Para falar específica e mais profundamente sobre o que discorre Basílio (2005) a respeito dos enunciados, é essencial destacar algumas de suas funções. Merecem especial atenção as funções discursivas, que, subentende-se pelo nome, dizem respeito à análise dos enunciados inseridos dentro do discurso (BASÍLIO, 2005). Nessa perspectiva, segundo Basílio (2005), as funções discursivas apresentam duas facetas: 1) a função de atitude subjetiva, que é a expressão de atitudes subjetivas no enunciado e 2) a função textual, que abrange a adequação de itens lexicais e gramaticais na construção das estruturas globais do enunciado (BASÍLIO, 2005),

sendo que o foco teórico desta pesquisa incidirá sobre a função de atitude subjetiva exposta por Basílio (2005).

Desse modo, a função de atitude subjetiva, conforme explicado anteriormente, envolve a presença no enunciado de componentes ideológicos – opiniões, crenças, gostos etc. – de quem produz a linguagem, de quem serve como público ou interlocutor ou do meio (BASÍLIO, 2005). Tal função, conforme Basílio (2005), é bastante marcada em processos de formação de palavras e pode ser caracterizada pelo uso de certas expressões, tipos de palavras, afixos e estruturas frasais que denunciem algum posicionamento pessoal e alguma atitude do falante perante o enunciado produzido (BASÍLIO, 2005).

Em suma, tal teoria, importante para o estudo lexical e morfológico dos processos de formação de palavras (BASÍLIO, 2005), pode também se adequar ao uso de determinadas expressões e termos nos enunciados produzidos pelos falantes, considerando, é claro, os contextos e os interlocutores. Ou seja, as funções discursivas de atitudes subjetivas, que dizem respeito à formação dos enunciados (BASÍLIO, 2005), também podem ajudar a entender por que determinado falante utiliza certas expressões em um dado contexto para se comunicar com seus interlocutores e se fazer entender.

Outro aspecto teórico importante para este trabalho é a abordagem do artigo escrito por Lopes (2021), *Posição, posicionamento e estereótipo: um diálogo entre as perspectivas sociolinguística e discursiva*, que busca explorar, como proposta central, os pontos de conexão existentes entre as perspectivas teóricas advindas da sociolinguística variacionista e da análise de discurso francesa (AD) no que diz respeito à construção da identidade (LOPES, 2021). Para isso, a autora explicita os conceitos de posição, posicionamento e estereótipo (LOPES, 2021) e traz o exemplo, que é a base da sua pesquisa, a respeito de alguns estudos cuja temática é a “identidade nordestina” a partir das perspectivas citadas acima (LOPES, 2021).

De início, Lopes (2021) expõe o que para ela se traduz como o conceito de identidade, que, segundo a autora, é difícil de delimitar, visto que essa conceituação é característica dos estudos de diversas áreas (LOPES, 2021). A autora sintetiza, citando Laraia (2009, p. 68), que “a identidade é construída por uma série de

características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica.”

Seguindo essa linha de pensamento, Lopes (2021) ainda afirma, por meio de Kiesling (2013), que as questões de identidade na sociolinguística variacionista estão ligadas às variáveis linguísticas existentes, visto que os tipos de identidades construídas se correlacionam com a questão linguística (LOPES, 2021).

Entrando na questão dos termos referentes ao posicionamento, Lopes (2021) destaca que, na perspectiva da análise de discurso, a identidade está relacionada com o sujeito, com a formação dos discursos e, assim, com a noção de posicionamento, que a este trabalho é de suma importância. Segundo a autora, “o posicionamento é a especificidade do lugar de produção discursiva e remonta a uma identidade enunciativa enquanto o funcionamento do posicionamento se dá a partir da unidade e da diferença.” (LOPES, 2021, p. 6034). Dessa maneira, o posicionamento e o discurso são constituintes da identidade enunciativa, que só é viável de ser analisada dentro dos textos (LOPES, 2021). Tendo Maingueneau (2012, p. 393) como referência, Lopes (2021, p. 6035) explicita que:

“[...] o posicionamento não diz respeito somente aos conteúdos, mas às diversas dimensões do discurso: ele se manifesta também na escolha destes ou daqueles gêneros de discurso, no modo de citar etc., isto é, o posicionamento não se restringe ao âmbito intralinguístico.”

Além disso, Lopes (2021) destaca, de modo a complementar o que foi exposto anteriormente, que o conceito de posição de que Kiesling (2019) trata aproxima-se de algum modo das questões da análise de discurso (LOPES, 2021). Em suma, o estudo feito por Lopes (2021) buscou encontrar pontos de convergência entre a sociolinguística variacionista e a análise de discurso francesa, a partir do que a autora aponta que a noção de posição (“stance”, do inglês) explorada nos estudos de variação linguística (KIESLING, 2019) se aproxima do posicionamento discursivo (LOPES, 2021), “bem como da reincidência da noção de estereótipos tanto nas pesquisas de Sociolinguística quanto de AD e, no caso desta última, o envolvimento direto com o conceito de *ethos*” (LOPES, 2021, p. 6040), presente e discutido anteriormente também em Raposo (2008).

Destarte, em adição às ideias de Lopes (2021), está o estudo *Style as stance: stance as the explanation for patterns of Sociolinguistic Variation* (KIESLING, 2009),

oitavo capítulo do livro *Stance* (JAFPE, 2009) e que pode ser traduzido livremente por “Estilo como posicionamento: posicionamento como explicação para os padrões da variação sociolinguística”². Em síntese, neste capítulo, Kiesling (2009) aborda as noções que permeiam o conceito de posicionamento oriundo da sociolinguística (KIESLING, 2009).

Basicamente, Kiesling (2009) explora a relação entre postura (ou posicionamento) e estilo sociolinguístico. Segundo o autor, a postura é basilar no que se refere ao estilo na questão da variação em sociolinguística. As variantes sociolinguísticas estão intrinsecamente associadas a posturas originadas na interação, e essas posturas acabam por se concretizar em uma comunidade de fala ao longo do tempo e do uso das formas linguísticas (KIESLING, 2009). Além disso, o autor pontua que essas posturas se associam a variadas identidades através de modelos culturais (KIESLING, 2009).

Desse modo, Kiesling (2009) avalia a possibilidade de que a postura seja uma boa, senão a melhor explicação, para os padrões existentes nas variações sociolinguísticas ligadas a estilo de *persona* (KIESLING, 2009). Assim, as escolhas linguísticas feitas pelos falantes se dão por conta das posturas interpessoais ou epistêmicas que esses falantes desejam assumir perante seus interlocutores e perante o conteúdo da sua fala (KIESLING, 2009). Em consonância a isso, Kiesling (2009) inicia o capítulo propondo questionamentos acerca da intenção dos falantes ao usar determinadas formas e expressões linguísticas, bem como o questionamento de como os falantes utilizam essas formas linguísticas para criar posicionamentos (KIESLING, 2009). Com isso, o posicionamento está ligado ao aspecto social e ao conteúdo das produções dos falantes (KIESLING, 2009).

Nesse sentido, a questão do estilo está relacionada à postura das *personae* sociais na medida em que os falantes adequam sua maneira de se expressar linguisticamente de acordo com os diferentes elementos da situação social em que se encontram (KIESLING, 2009). Ademais, segundo o autor, outra visão importante ligada ao estilo é a de que um falante pode usar mais de uma variável linguística (KIESLING, 2009), sendo, com isso, o estilo uma combinação de variadas práticas culturais e sociais (KIESLING, 2009). Essa discussão traz à tona novamente a

² Tradução feita pela autora.

questão da identidade, expressa nos estilos de *personae* (KIESLING, 2009), cujo estudo se relaciona em grande parte com a sociolinguística variacionista à medida que examina os usos das variantes pelos sujeitos para veicular posicionamentos e, assim, aproximar-se ou se distanciar de outros indivíduos nas interações sociais (KIESLING, 2009).

Outra questão importante a ser destacada dos apontamentos de Kiesling (2009) é a indexicalidade, ou seja, as associações estabelecidas entre as variantes e significados sociais. As variantes, como signos linguísticos, carregam significados dependentes do contexto enunciativo em que são usadas (KIESLING, 2009), podendo, assim, indicar um determinado posicionamento direta ou indiretamente. Segundo o autor, mobilizando os significados sociais de certas variantes, os indivíduos adotam certas posturas de *persona* perante o conteúdo dos enunciados e seus interlocutores na mesma medida em que adotam jeitos de se expressar (KIESLING, 2009). Dessa maneira, o posicionamento está no centro do processo de indexicalidade, tendo em vista que não é propriamente a respeito de cada prática linguística individual e social que um falante toma decisões, mas sim a respeito de qual postura tomar perante um contexto discursivo em particular (KIESLING, 2009).

No capítulo, Kiesling (2009) ainda argumenta que essas indexicalidades de postura se estabelecem em um circuito (KIESLING, 2009), de maneira que as formas de falar se associam a situações nas quais certas posturas geralmente são assumidas pelos falantes (KIESLING, 2009), e vice-versa. Dessa forma, os estilos de fala são “conjuntos” de posturas habitualmente adotadas (KIESLING, 2009). O capítulo, portanto, faz uma conexão entre as variações linguísticas e as formas socialmente padronizadas por elas, testando a hipótese de que essa conexão é feita por meio do posicionamento (KIESLING, 2009). É o que se vai testar examinando o uso de termos do futebol em textos jornalísticos na análise adiante.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão abordadas as questões que dizem respeito ao método adotado na pesquisa sobre a presença de variantes do futebol no léxico geral do português brasileiro. Além da especificação dos objetivos e da hipótese inicial, a organização, os critérios e os dados da análise serão explicitados de modo detalhado, haja vista de que o entendimento das etapas da pesquisa é essencial para a compreensão dos futuros resultados.

Este trabalho buscará analisar a influência do futebol no PB, tendo em vista que o esporte é um elemento central na construção de identidades e de identificações socioculturais no Brasil (RINALDI, 2000). Assim, o objetivo central da pesquisa é compreender o que motiva o uso das expressões oriundas do futebol em situações linguísticas de fora do meio esportivo, a partir da abordagem da sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009), dentro da qual se analisará quem são os sujeitos que utilizam essas variantes linguísticas do futebol, com quem esses falantes estão dialogando, ou seja, quem são seus interlocutores, e principalmente qual é a postura assumida pelos falantes que usam tais variantes perante o seu público e perante o conteúdo da mensagem (KIESLING, 2009). Ademais, a perspectiva da função de atitudes subjetivas frente à formação de enunciados (BASÍLIO, 2005) também se faz importante para que o objetivo exposto seja alcançado.

O objetivo específico da pesquisa está ligado à hipótese inicial de que, considerando o *corpus* de textos jornalísticos, o uso de expressões futebolísticas constrói uma identidade dos falantes que utilizam essas variantes de *persona* alinhada ao gosto popular do público. Dessa forma, com a escolha pelo uso dessas expressões, os usuários da linguagem buscariam se aproximar linguisticamente da sua audiência (seus interlocutores) (RAPOSO, 2008).

A escolha pelos gêneros jornalísticos como fonte de dados da pesquisa, como afirmado na Introdução, se deu pelo fato de que usualmente esses gêneros textuais utilizam uma linguagem e uma abordagem, em termos de conteúdo, mais próxima do cotidiano, visto que veiculam informações e opiniões que atingem a circulação massiva periódica, com suporte sobretudo em jornais e revistas consumidos no dia a dia (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

A fim de entender a pertinência da hipótese explicada anteriormente, será desenvolvida ao longo do trabalho a análise qualitativa das equivalências evocadas pelas expressões futebolísticas levantadas. Para isso, foram coletados, para análise posterior, dados de textos de alcance público em três *sites* distintos de textos jornalísticos na internet: *G1* (g1.globo); *Folha de S. Paulo* (folha.uol) e *IstoÉ* (istoe.com). O levantamento dos dados se deu por meio de pesquisa nos três referidos *sites*, cujas variantes selecionadas previamente pela pesquisadora foram encontradas em dicionários físicos e *online* voltados especificamente para a temática do futebol, tais como Riboldi (2008) e Maranhão (1998).

Foram levantadas ao todo, pela autora, 46 (quarenta e seis) expressões futebolísticas, que são o objeto central desta pesquisa, com base em dicionários físicos e *online*, que constam em sua totalidade no Anexo A deste trabalho. Assim, a partir desse levantamento, fez-se uma pesquisa avançada – na qual se buscou verificar a presença ou a ausência de cada uma das expressões selecionadas – nos três *sites* jornalísticos de alcance público especificados acima, sendo que os dois primeiros deles são jornais, e o último é uma revista: *G1* (g1.globo); *Folha de S. Paulo* (folha.uol) e *IstoÉ* (istoe.com). As publicações examinadas nesses três sites compreenderam o período de 21 de junho de 2022 a 30 de junho de 2022.

A pesquisa em questão totalizou 277 (duzentos e setenta e sete) textos distintos em que há a presença das variantes levantadas, algumas com mais incidência que as demais, dependendo do *site* jornalístico. Dessa forma, se analisarão, neste trabalho, somente os 16 (dezesesseis) termos do futebol cuja frequência foi maior em contextos que não remetem ao esporte, conforme a Tabela 1 a seguir, para que se alcancem os objetivos expostos. Ademais, destaca-se que, para cada dado analisado, serão discutidos 3 (três) exemplos, totalizando 48 (quarenta e oito) análises.

Os critérios para analisar a incidência das variantes selecionadas para análise baseiam-se no número total de ocorrências dessas expressões na amostra coletada e dependem do *site*. Nesse sentido, as faixas de incidência consideradas na amostra geral são: nenhuma (se não aparecer nenhuma vez), baixa (se aparecer até quatro vezes), média (se aparecer de cinco a nove vezes) e alta (se aparecer dez vezes ou mais). Ademais, a consideração das faixas de incidência de cada variante especificamente em cada um dos três *sites* se deu da seguinte forma: a partir do

número total de ocorrências de determinada expressão na amostra geral, analisou-se quantas vezes tal variante aparece na *folha.uol*, na *istoe.com* e no *g1.globo*. Com isso, se a expressão em questão, por exemplo, aparece um total de dez vezes na amostra geral e, dessas dez vezes, ela aparece em seis ocasiões na *folha.uol*, em três ocasiões na *istoe.com* e em somente uma ocasião no *g1.globo*, considera-se que a incidência no primeiro *site* é alta (pois concentra a maioria das ocorrências no total), média no segundo *site* e baixa no terceiro.

Tabela 1. Os 16 termos do futebol de maior incidência nos três veículos jornalísticos investigados, a serem analisados neste trabalho

Variantes futebolísticas a serem analisadas	Incidência na amostra geral / número total de ocorrências	Incidência no jornal G1 (<i>g1.globo</i>) / número de ocorrências	Incidência no jornal <i>Folha de S. Paulo</i> (<i>folha.uol</i>) / número de ocorrências	Incidência na revista <i>IstoÉ</i> (<i>istoe.com</i>) / número de ocorrências
1. Pendurar as chuteiras	Alta / 18 vezes	Alta / 8 vezes	Média / 5 vezes	Média / 5 vezes
2. Bola dividida	Alta / 17 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Alta / 11 vezes	Média / 6 vezes
3. Canelada	Alta / 14 vezes	Baixa / 2 vezes	Alta / 8 vezes	Baixa / 4 vezes
4. Dar um olé	Alta / 10 vezes	Alta / 7 vezes	Baixa / 2 vezes	Baixa / 1 vez
5. Driblar	Alta / 10 vezes	Média / 5 vezes	Média / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes
6. Cartão vermelho	Média / 9 vezes	Alta / 5 vezes	Média / 3 vezes	Baixa / 1 vez
7. Bater na trave	Média / 8 vezes	Média / 3 vezes	Alta / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes
8. Goleada	Média / 8 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Alta / 6 vezes	Baixa / 2 vezes
9. Jogada ensaiada	Média / 7 vezes	Baixa / 1 vez	Alta / 5 vezes	Baixa / 1 vez

10. Aos 45 do segundo tempo	Média / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Média / 2 vezes	Média / 3 vezes
11. Chutar	Média / 5 vezes	Média / 2 vezes	Baixa / 1 vez	Média / 2 vezes
12. Em time que está ganhando não se mexe	Média / 5 vezes	Alta / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Nenhuma / 0 vezes
13. Embolou o meio de campo	Média / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Alta / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes
14. Gol de placa	Média / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Alta / 4 vezes	Baixa / 1 vez
15. Pisar na bola	Média / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Média / 3 vezes	Média / 2 vezes
16. Pontapé inicial	Média / 5 vezes	Alta / 5 vezes	Nenhuma / 0 vezes	Nenhuma / 0 vezes

Fonte: elaborado pela autora.

Partindo da coleta de dados, a análise buscará entender, como já mencionado anteriormente, a problemática a respeito de qual é a postura de quem utiliza as variantes futebolísticas para com o seu público e para com a situação comunicativa, com base no conceito de posicionamento oriundo da sociolinguística (KIESLING, 2009). Essa ideia visa a entender de modo qualitativo as equivalências sociais e referenciais dos termos do futebol nos contextos explorados. Como os contextos relacionam-se aos diferentes gêneros jornalísticos, os dados coletados serão analisados considerando-se (a) a natureza do gênero jornalístico em que ocorrem, (b) as atividades discursivas – opinar, esclarecer, discordar, defender, ponderar etc. – realizadas no texto jornalístico quando o termo do futebol é empregado, além dos (c) conteúdos abordados e, se identificado o autor do texto, (d) seu perfil ou estilo característico, de acordo com as teorias expostas na seção anterior, principalmente a relacionada à divisão dos gêneros jornalísticos conforme Mendez; Villalta e Batista (1998), discriminada no Quadro 1 (capítulo 3).

A análise dos dados coletados sobre variações no léxico provocadas pelo futebol ajudará a mostrar que a língua, vinculada à cultura social, constrói identidades (COELHO e MESQUITA, 2013) e estilos de *personae* que projetam posicionamentos (KIESLING, 2009). Ajudará também a compreender as marcas deixadas pelo futebol no léxico do PB, pelo exame das motivações para o uso dos termos do futebol como variantes lexicais de vocábulos da língua geral.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo se propõe a analisar qualitativamente os dados apresentados na Tabela 1 (capítulo 4), buscando explorar as equivalências e significados referenciais das variantes futebolísticas, conforme explicitado na Metodologia. Para tal, e conforme a sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009), a análise e a discussão dos dados serão feitas com base na natureza dos gêneros jornalísticos em que os termos do futebol ocorrem, nas atividades discursivas e nos conteúdos desses gêneros, bem como no perfil e no estilo do autor dos textos (se possível identificá-los). Assim, para cada variante destacada na Tabela 1, serão expostos 3 (três) exemplos dos dados levantados na pesquisa, a fim de identificar os fatores descritos acima, o que, ao final, contabilizará o total de 48 (quarenta e oito) dados analisados.

5.1 *Pendurar as chuteiras*

A expressão “pendurar as chuteiras”, segundo o *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 177), vem do futebol e, no sentido figurado, significa o mesmo que “encerrar a carreira como jogador profissional” ou “deixar de exercer qualquer profissão; aposentar-se”. O primeiro exemplo de ocorrência da expressão “pendurar as chuteiras” na presente pesquisa é de uma coluna da *Revista IstoÉ (istoe.com)*, cujo tema são as eleições políticas que ocorrerão em 2022 no Brasil.

“Nas eleições de 2022, os brasileiros votarão para renovar um terço das 81 cadeiras no Senado (27 senadores). Alguns deles, com mandatos a vencer no final do ano que vem, como José Serra (SP) e Tasso Jereissati (CE), vão **pendurar as chuteiras**.” (OLIVEIRA, 2021)³

De acordo com o enunciado, que é o parágrafo introdutório da coluna escrita pelo jornalista Germano Oliveira, da *Revista IstoÉ*, a expressão advinda do meio do futebol “pendurar as chuteiras” não surge, aqui, propriamente, como variante do verbo “aposentar-se”, já que um mandato político não exige uma aposentadoria formalizada. Nesse caso, a equivalência da expressão “pendurar as chuteiras” diz respeito ao fato de que os políticos citados não tentarão uma possível reeleição, retirando-se do meio

³ Disponível em: [Guerra pelo Senado - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](https://www.istoe.com.br). Acesso em: 04 ago. 2022.

político em definitivo. Dessa forma, pode-se dizer que no exemplo em questão o termo “pendurar as chuteiras” é variante de “retirar-se”, neste caso, do cenário político.

Ademais, um fator bastante importante a ser considerado neste dado é o de que o contexto discursivo nada remete ao futebol, já que o assunto central da coluna é de cunho político. Dessa forma, se analisado em específico somente o enunciado em questão, o colunista assume uma postura de alinhamento aos leitores, de um profissional que busca se aproximar dos seus interlocutores, utilizando uma linguagem cotidiana com expressões populares em um contexto opinativo, já que as colunas, como é o caso do trecho acima, segundo a divisão estabelecida por Mendez; Villalta e Batista (1998), se encaixam nos gêneros jornalísticos cujo foco é marcado na opinião e na subjetividade do escritor a respeito de temas cotidianos: o jornalismo opinativo. Nesse gênero jornalístico, de acordo com o que discorrem Mendez; Villalta e Batista (1998), o autor do texto – que, nesse exemplo, é um colunista – se posiciona a respeito dos dados e fatos citados, tratando de persuadir os leitores no que diz respeito à opinião exposta ao longo do texto.

Contudo, o jornalista em questão, diretor de redação da *Revista IstoÉ*, é conhecido por publicar colunas jornalísticas – em geral de teor político, como se pode evidenciar pela pesquisa no *site* da revista – com opiniões e constatações envolvidas muitas vezes em polêmicas, principalmente no que diz respeito à vida e à carreira de importantes figuras políticas brasileiras. Com isso, é possível afirmar que o uso de determinadas expressões e termos populares por parte do jornalista vem carregado, acima de tudo, de um tom irônico e sutil, a partir do que é válido dizer que, destarte, o autor assume uma postura jocosa sobretudo perante o conteúdo das suas publicações.

Em segunda análise, uma reportagem publicada no *site g1.globo* sobre geração de empregos, cujo nome do autor não é divulgado, faz uso da expressão “pendurar as chuteiras” como termo equivalente a “aposentar-se” ou “aposentadoria”, tal como aparece no *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019).

“Seu Mário faz parte de um grupo que, como dizem por aí, não quis **pendurar as chuteiras** ou botar o pijama. Pelo contrário, eles estão trabalhando. O Brasil

tem hoje mais de 1,8 milhão de empreendedores com mais de 65 anos de idade e eles são os que mais empregam.” (G1, 2021)⁴

Nesse caso, a reportagem verbaliza o fato de a expressão futebolística em questão ser popularizada, já que antes de introduzir a variante do futebol no texto, há a presença da expressão “como dizem por aí”, deixando evidente essa relação. A partir dessa ideia, é possível afirmar que, como as reportagens em geral tendem a assumir uma linguagem neutra e focada no referente, isto é, no assunto, uma vez que buscam informar a população a respeito de um fato (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), o uso da expressão “como dizem por aí” transfere a atribuição do sentido da variante “pendurar as chuteiras” aos leitores, baseados em sua linguagem cotidiana, o que permite que o jornal assuma um posicionamento menos sóbrio mas, ao mesmo tempo, de confiabilidade ou seriedade para com seu público e para com o fato reportado. Nesse sentido, vale ressaltar que as reportagens estão inseridas dentro do contexto do jornalismo informativo, cujo objeto predominante na mensagem é a informação imparcial daquilo que está acontecendo na atualidade (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

Outro dado examinado foi produzido pelo advogado e colunista do jornal *Folha de S. Paulo* (*folha.uol*) Rômulo Saraiva, que costuma escrever principalmente sobre previdência social nas seções de jornalismo opinativo, gênero cujas características foram destacadas acima. Saraiva escreveu em uma das suas colunas sobre aposentadoria que:

“Apesar de coerência não ser o forte dos ministros da Corte, o trabalhador vai ter mais dificuldade para resolver essa pendenga no Judiciário. Levará anos até que esse assunto seja apaziguado. E, enquanto isso, milhares de empregados públicos – com medo de serem demitidos e perderem a multa de 40% do FGTS – se inibirão em se aposentar. A medida não foi ingênua. Com isso, vai ter mais segurados, com bons salários, contribuindo ao INSS e adiando a aposentadoria. Bom para o governo, ruim para os trabalhadores. Quem for empregado público vai ter que pensar duas vezes no planejamento de **pendurar as chuteiras**.” (SARAIVA, 2020)⁵

Nota-se no trecho acima que o autor utiliza a expressão “pendurar as chuteiras” novamente como variante de “aposentar-se”. Tendo em vista que o tema da coluna em questão é justamente sobre aposentadoria e previdência, é possível constatar que

⁴ Disponível em: [Empreendedores acima dos 65 anos são os que mais empregam no Brasil, aponta estudo | Jornal Nacional | G1 \(globo.com\)](#). Acesso em: 04 ago. 2022.

⁵ Disponível em: [Aposentadoria de empregado público causará demissão - 27/01/2020 - Grana - Agora \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 04 ago. 2022.

o colunista utilizou a variante futebolística em questão como sinônimo e alternativa para os termos “aposentar” e “aposentadoria” que já haviam sido mencionados na passagem, a fim de evitar a repetição dos mesmos vocábulos no mesmo parágrafo. Dessa forma, o autor, ao se valer da alternância de sinônimos para um mesmo referente lexical, acaba exemplificando que a expressão “pendurar as chuteiras” é variante de “aposentar-se” e “aposentadoria”. No que se refere a estilo de *persona*, percebe-se antes no mesmo trecho a crítica de Saraiva aos ministros da Corte, em um tom não exatamente moderado – o autor faz uso do termo “pendenga” (conflito de interesses, discussão agressiva, cf. HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1465) – para designar as consequências da nova medida. É possível que o uso de “pendurar as chuteiras” seja coerente com esse tom e com o posicionamento crítico do autor, evocando a ideia de desistir do conflito.

A partir disso, é válido ressaltar que, como constatam em seu estudo Oliveira e Ferrarezi (2015), à medida que os sentidos se cristalizam conforme o uso social e cultural dos termos e itens lexicais, os falantes e interlocutores geralmente têm sucesso ao atribuir sentido a expressões futebolísticas, sobretudo fora das praças esportivas (TOLEDO, 1996). O futebol é elemento comum no cotidiano, e isso se expressa também na linguagem, a ponto de os falantes, acompanhando ou não o esporte, entenderem e utilizarem essas variantes no dia a dia (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015).

5.2 *Bola dividida*

A expressão “bola dividida” é comumente utilizada no meio futebolístico para designar o momento em que dois ou mais adversários disputam a posse da bola em uma mesma jogada, já que, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILAR, 2009), o termo “dividida” se conceitua, no contexto do futebol, como uma “bola disputada frente a frente, com risco de entrecchoque”. Em consonância a isso, a expressão em questão se apresenta, de acordo com o exemplo elencado abaixo e retirado da notícia publicada pela *Revista IstoÉ*, como uma variante dos termos “disputa” ou “embate”:

“Doria terá uma agenda intensa nesta quinta-feira, 31. Pela manhã, vai ao Museu do Ipiranga, cuja reinauguração será em setembro, para

entregar 'obras de restauro' e assim deixar sua marca em uma **bola dividida** com o governo federal." (ISTOÉ, 2022)⁶

Com isso, ao utilizar a expressão "bola dividida" como uma metáfora para o embate de interesses políticos entre o então prefeito da cidade de São Paulo, João Doria, e o atual presidente da República, Jair Bolsonaro, a revista assume na notícia em questão uma posição eufemista com relação ao uso dos termos "disputa" e "embate", com o intuito de não polemizar ainda mais o fato político de que está tratando, tendo em vista que as notícias, por se tratarem de gêneros do jornalismo informativo, são pautadas sobretudo na informação precisa a respeito dos fatos (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). Desse modo, a expressão futebolística em questão se mostra como uma alternativa para o uso de termos que designem alguma disputa ou oposição entre dois ou mais lados e perspectivas, metaforizando o seu sentido literal do contexto de uma partida de futebol.

Em outro exemplo, dessa vez vindo do jornal *Folha de S. Paulo* (*folha.uol*), a expressão "bola dividida" aparece em uma análise feita pelo repórter geopolítico Igor Gielow a respeito da política externa exercida pelos Estados Unidos da América (EUA) no Irã e no Oriente Médio:

"Aqui, Biden estará numa **bola dividida**. Obama foi o patrocinador do acordo nuclear que visava evitar Teerã de adquirir a bomba, em 2015, abandonado três anos depois por Trump. [...] Assim, Biden poderá tentar retomar a via diplomática com Teerã. Se o fizer, contudo, terá um problema para enfrentar: um dos únicos legados positivos de Trump na política externa, a paz entre Israel e países árabes." (GIELOW, 2020)⁷

Considerando que o trecho acima é de uma análise jornalística, gênero pautado pela interpretação dos fatos por parte do autor (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), pode-se dizer que função de atitude subjetiva com relação ao enunciado (BASÍLIO, 2005) se faz presente na medida em que o repórter utiliza, com base no seu posicionamento opinativo, a expressão "bola dividida" como equivalente de uma situação que possui dois lados diferentes, lados esses que podem se entrecocar. Para o autor, tendo que optar entre uma coisa ou outra no que diz respeito às políticas

⁶ Disponível em: [Em jantar de despedida, Doria diz que não vai impor seu nome para a Presidência - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](https://www.istoee.com.br/brasil/2022/08/04/em-jantar-de-despedida-doria-diz-que-nao-vai-impor-seu-nome-para-a-presidencia-istoee-independente-istoee.com.br). Acesso em 04 ago. 2022.

⁷ Disponível em: [Política externa de Biden não deverá ser tão diferente da de Trump - 07/11/2020 - Mundo - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.uol.com.br/internacional/2020/07/11/politica-externa-de-biden-nao-devera-ser-tao-diferente-da-de-trump-07/11/2020-mundo-folha-uol.com.br). Acesso em: 04 ago. 2022.

internacionais norte-americanas, o atual presidente dos EUA, Joe Biden, está numa “bola dividida”, isto é, num “impasse”. Nesse contexto, é válido ressaltar que as análises pertencem ao jornalismo interpretativo, cujo objetivo principal é relacionar as informações e fatos a respeito de um tema com a interpretação do jornalista sobre o mesmo assunto (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

Nesse sentido, o repórter dá a entender que o “impasse” resulta do jogo geopolítico internacional. Ao usar “bola dividida”, ele veicula essa ideia evocando as jogadas do futebol e, assim, imprime à análise a dramaticidade inerente a esse esporte (DAMATTA, 1982). Dessa forma, “bola dividida” é uma variante para os termos “problema” e “impasse”, bem como o sinalizador da dramaticidade que acompanha eventuais situações cujos lados sejam opostos.

No último dado, a referida expressão foi utilizada durante uma entrevista publicada pela *Folha de S. Paulo*. O teor da entrevista dizia respeito à presidência da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), e a expressão “bola dividida” foi utilizada pela entrevistada, a advogada Patrícia Vanzolini, eleita para assumir o cargo em questão.

“Não aprovei essa postura da OAB. Ela teria que ser muito mais contida, muito mais reservada em um tema que era tão polêmico e em um tema que não era consenso na classe. Em temas muito de **bola dividida**, deveria haver pelo menos uma interlocução maior com a advocacia.” (VANZOLINI, 2021)⁸

As entrevistas, mesmo que pertençam ao jornalismo informativo, tendem a ter algumas marcas que dizem respeito ao comportamento verbal e não verbal da pessoa entrevistada (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). Nesse contexto, considerando a intenção explicativa da entrevistada a respeito da postura da sua entidade, Vanzolini faz uso da variante “bola dividida” de modo a sinalizar que a temática sobre a qual ela discorre é polarizada e polêmica. Com isso, assumindo um posicionamento aparentemente informal, a entrevistada evoca o sentido de situação “polarizada” e “polêmica”, sem, no entanto, afirmar isso abertamente, talvez amenizando, com isso, o tom de crítica à OAB. Assim fazendo, projeta uma *persona* que reconhece a importância da instituição, mesmo que a critique.

⁸ Disponível em: [Eleição quebra uma barreira, diz 1ª mulher que presidirá OAB-SP - 26/11/2021 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br). Acesso em: 04 ago. 2022.

Em resumo, afirma-se que a expressão “bola dividida”, advinda do contexto futebolístico, de acordo com os exemplos analisados acima, pode assumir diferentes equivalências dependendo da situação comunicativa em que ocorre. Inicialmente tomada como variante de “disputa” e “embate”, acepções mais próximas do meio futebolístico, a expressão “bola dividida” também pode equivaler a “problema” e “impasse”, além de ser alternativa para evocar situações “polarizadas”, que possuem lados opostos, e “polêmicas”.

5.3 Canelada

“Canelada” é um termo que, conforme o *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 147), se refere a uma “pancada na canela ou com a canela” no sentido literal. No futebol, pode-se dizer que o significado trazido pelo minidicionário se aplica diretamente, uma vez que “canelada” no esporte bretão corresponde ao ato de chutar ou dominar a bola com a canela, sendo esse movimento equivocado no sentido técnico.

Todavia, no exemplo trazido abaixo, de uma análise feita pela redação da *Revista IstoÉ*, é possível afirmar pelo contexto que o termo em questão equivale a “brigas” e “embates”.

“O Brasil está dando banho de barbeiragens em sua política externa. Depois de brigar com Alemanha, o presidente Bolsonaro resolveu desdenhar da Noruega, que também desistiu de apoiar o Fundo Amazônia. A resposta de Bolsonaro ao congelamento das doações por mais um parceiro? ‘Pega a grana e ajuda a reflorestar a Alemanha’. A diplomacia da **canelada** já colocou o Brasil em maus lençóis com a China, a França, além dos alemães e noruegueses e, não fosse suficiente, o ministro da Fazenda, Paulo Guedes, acaba de declarar que o Brasil pode sair do Mercosul se a chapa kirchnerista vencer as eleições na Argentina.” (ISTOÉ, 2019)⁹

Nesse sentido, o texto de análise, que pertence ao jornalismo interpretativo, voltado especificamente para a análise subjetiva e interpretativa a respeito de fatos e notícias (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), neste caso faz um juízo de valor negativo no que concerne às políticas externas do atual governo brasileiro, sobretudo no que diz respeito à postura e ao comportamento do presidente da República, Jair Bolsonaro.

⁹ Disponível em: [Que o mundo se dane! - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](https://www.istoeh.com.br). Acesso em: 08 ago. 2022.

Para isso, a redação da revista utiliza termos como “barbeiragens”, “desdenhar”, “maus lençóis” e, principalmente, “canelada”, expressão analisada aqui. Ao utilizar esse termo como variante de “brigas” e “embates”, conforme já destacado anteriormente, a revista sinaliza que a ação da presidência é tecnicamente equivocada, assumindo uma postura de discordância com relação ao comportamento político do presidente. Deixa, assim, implícito e com margem para interpretação o seu posicionamento político. Essa perspectiva é reforçada pelo fato de que a análise em questão é assinada pela redação da revista, e não por um jornalista em específico.

Em adição a isso, em uma coluna escrita pelo jornalista Elio Gaspari na *Folha de S. Paulo*, o uso do termo “canelada” surge como equivalente de “teimosia”, no contexto de ações tomadas de modo equivocado. Isso foi o que o jornalista em questão deu a entender em seu texto sobre uma ação em específico do presidente da República, Jair Bolsonaro, no qual Gaspari destaca que:

Bolsonaro encencou com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária porque ela recomendou a vacinação de crianças. A Anvisa é presidida por um almirante-médico que ele indicou. Ganha um fim de semana num garimpo ilegal da Amazônia quem souber qual é a utilidade pública dessa **canelada**, seguida por ameaças feitas aos funcionários da agência.” (GASPARI, 2021)¹⁰

Com isso, é possível dizer que o uso do termo “canelada”, no período em que se encontra, faz com que o escritor assuma um posicionamento contrário à ação do presidente da República, irônico com relação ao fato que está apresentando, principalmente por conta do conteúdo da frase: “Ganha um fim de semana num garimpo ilegal da Amazônia quem souber qual é a utilidade pública dessa *canelada* [...]” (GASPARI, 2021). Ademais, o referido jornalista é conhecido por tratar sobre assuntos políticos e suas personalidades de modo sarcástico, já que o gênero jornalístico no qual o autor publica seus textos é o opinativo, permeado pelo uso da subjetividade jornalística (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

Na terceira análise, tem-se um exemplo novamente do jornalismo opinativo da *Folha de S. Paulo*, dessa vez da colunista Mônica Bergamo.

“O ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin afirmou em um jantar em sua homenagem, na segunda (11), que já trocou ‘**caneladas**’ em

¹⁰ Disponível em: [Os avisos de Mourão e Santos Cruz para Bolsonaro - 21/12/2021 - Elio Gaspari - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br). Acesso em: 08 ago. 2022.

disputas eleitorais com o ex-presidente Lula. O governo ‘cruel’ de Jair Bolsonaro, e a ameaça que ele representa à democracia, porém, exigiram de ambos a superação de divergências e a união em torno da defesa das liberdades e das instituições. Alckmin será candidato a vice-presidente na chapa encabeçada pelo petista.” (BERGAMO, 2022)¹¹

Nesse contexto, a expressão “canelada”, que aparece no plural, pode ser tida como variante de “embates”, “insultos” e “ofensas”. Não se sabe ao certo se Alckmin usou de fato esse termo, ou se ele foi empregado pela jornalista para relatar os fatos presenciados. Se foi de autoria da jornalista, ao utilizar essa expressão no sentido exposto acima, ela assume um posicionamento de alguém que, por meio de uma metáfora e do uso de uma expressão popular, busca não só se aproximar da sua audiência, ou seja, dos seus leitores, mas também dar a conhecer que sabe de embates políticos não amigáveis entre os envolvidos.

Assim, o termo “canelada”, oriundo do meio futebolístico, quando utilizado fora do contexto esportivo indexa diferentes sentidos e posturas. No primeiro exemplo, a expressão se refere a “brigas” ou “embates”, complementar à sua variação linguística no segundo caso, em que serve como sinônimo de “teimosia” e de decisões “equivocadas”. Por outro lado, no terceiro exemplo, o termo está em variação com as palavras “insultos” e “ofensas”. Vale ressaltar que os exemplos selecionados para a análise pertencem todos ao contexto político, área que bem simula um jogo de forças e permite projetar posturas críticas e irônicas, subjetivas dos falantes perante o conteúdo da mensagem e perante os seus interlocutores.

5.4 *Dar um olé*

Segundo o *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o termo “olé”, no sentido futebolístico, designa uma “série de dribles ou passes que humilham o adversário” e, além disso, está em variação com o sentido figurado de “qualquer jogada ou ato que humilhe ou desconcerte alguém”, servindo também como uma interjeição que expressa satisfação ou entusiasmo (cf. HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 578).

¹¹ Disponível em: [Alckmin diz que governo cruel de Bolsonaro exigiu união com Lula - 12/04/2022 - Mônica Bergamo - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/folha). Acesso em: 08 ago. 2022.

Em primeira análise das expressões com o termo “olé” nos diferentes contextos dos textos jornalísticos, tem-se o exemplo de um texto feito pela repórter Anna Virgínia Balloussier, na *Folha de S. Paulo*:

“A mesma religiosidade que impulsionou a legislação foi usada para **dar um olé** nela. Assim como hoje a maconha é vetada, mas vários lugares permitem seu uso medicinal, a lei de um século atrás aceitava exceções: ok consumir álcool em tratamentos médicos e cerimônias religiosas.” (BALLOUSSIER, 2020)¹²

O trecho em questão é uma análise jornalística sobre a legislação acerca do uso de drogas. Menciona a Lei Seca com relação à religiosidade cristã. Dessa forma, por se tratar de uma análise, o texto conta com a interpretação pessoal da jornalista sobre o fato de que está tratando. Conforme já explicitado alhures, esse tipo de análise pertence à vertente do jornalismo interpretativo, que mescla a informação veiculada com a interpretação projetada no texto pela autora (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

Nesse contexto, o uso do termo “dar um olé” equivaleria a “esquivar-se” ou “enganar”, sentidos semelhantes aos atribuídos ao verbo “driblar” exposta ao final do Capítulo 2, mas bastante mais intensificados. A relação entre tais sentidos pode ter clara explicação justamente no futebol, uma vez que, no meio esportivo, se grita “olé” quando ocorre alguma jogada e, principalmente, algum drible desconcertante, acepção confirmada pelo dicionário e destacada acima. Dessa forma, ao utilizar a expressão “dar um olé”, a repórter assume uma postura subjetiva, apoiada nas características do gênero jornalístico em questão, e de um sarcasmo sutil, que interpreta os atos religiosos como contraditórios no que diz respeito ao posicionamento da Igreja com relação à Lei Seca na época da sua vigência legislativa.

Em outro dado, uma notícia publicada no *site G1, da Rede Globo*, expõe o uso do termo “olé” como variante do sentido figurado presente no dicionário, que associa a referida expressão futebolística a “qualquer jogada ou ato que humilhe ou desconcerte alguém” (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 578). Assim, a manchete da inusitada notícia destacada que: “Pato **dá ‘olé’** após cachorro entrar em

¹² Disponível em: [Cristãos que impulsionaram Lei Seca, 100, evocavam o pecado original - 16/01/2020 - Mundo - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br/cristaos-que-impulsionaram-lei-seca-100-evocavam-o-pecado-original-16/01/2020-mundo). Acesso em: 09 ago. 2022.

lagoa para tentar devorá-lo” (G1, 2015)¹³. A manchete trazida é de uma notícia rápida a qual pontua que “Um cachorro pensou que teria uma refeição fácil ao entrar em uma lagoa onde um pato nadava solitário, mas se deu mal. Ao ver a aproximação do cão, a ave mergulhou, deixando o rival perdido. Só restou ao *husky* sair da água sem nada.” (G1, 2015).

O trecho acima pertence a uma seção do *site* jornalístico *g1.globo* chamada “Planeta Bizarro”, que veicula somente notícias inusitadas e cômicas. Desse modo – mesmo que em geral, de acordo com Mendez; Villalta e Batista (1998), as notícias sejam puramente informativas, já que se encaixam no jornalismo informativo, e, por isso, utilizam uma linguagem mais neutra e focada no assunto do texto –, ao utilizar a expressão “**dá olé**”, o jornal, no caso dessa coluna em específico, assume um posicionamento bem-humorado para tratar do fato reportado. A situação e o contexto pertencem a esse universo jocoso, cujas notícias cumprem uma função mais marcada pela diversão do que pela informatividade estritamente útil.

Por outro lado, uma manchete da *Revista IstoÉ* fez uso do termo “olé” como equivalente a “rebolado” e “gingado”, pois se tratava de uma notícia, de certo modo sensacionalista, a respeito da aparição de Viviane Senna, irmã do tricampeão mundial de *Fórmula 1* Ayrton Senna, no Carnaval do Rio de Janeiro. A breve manchete “O **olé** de Viviane” (ISTOÉ, 1999)¹⁴ pertence a uma seção da revista intitulada “Gente”, cujos assuntos geralmente incidem sobre a vida de pessoas famosas ou de subcelebridades. Assim, o texto em questão se enquadra mais propriamente nas características do jornalismo diversional, cujo objetivo principal é proporcionar diversão ao público-leitor, reconhecendo essa categoria jornalística como legítima e comumente consumida pelas pessoas (ASSIS, 2016).

Com isso, utilizando o termo “olé” como variante de “gingado” e “rebolado”, no sentido do samba, a revista assume uma postura sensacionalista perante o conteúdo da mensagem, já que utiliza expressões figuradas e caricaturais para descrever o fato. Ademais, é possível ressaltar que essa noção do sentido do termo “olé” se aproxima da explicação trazida para o verbo “driblar”, já exposto anteriormente como relacionável a “olé”, pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.

¹³ Disponível em: [G1 - Pato dá 'olé' após cachorro entrar em lagoa para tentar devorá-lo - notícias em Planeta Bizarro \(globo.com\)](#). Acesso em: 09 ago. 2022.

¹⁴ Disponível em: [O olé de Viviane - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](#). Acesso em: 09 ago. 2022.

713): “*gingar* o corpo controlando a bola com o pé (no futebol, por ex.) ou com a mão (no basquete, por ex.), de forma a escapar das investidas do adversário”.

Assim, afirma-se que o termo “olé”, como explicitado nos exemplos acima, se apresenta sobretudo como variação lexical para o sentido de “desconcertar” algo ou alguém através de movimentos corporais ou, ainda, como variante intensificada de “driblar”, expressão discutida anteriormente, no sentido figurado de “evitar” ou de “esquivar-se” de algo, conforme o primeiro exemplo analisado nesta seção.

5.5 *Driblar*

O verbo *driblar*, conforme o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 713), tem como primeira conceituação “gingar o corpo controlando a bola com o pé (no futebol, por ex.) ou com a mão (no basquete, por ex.), de forma a escapar das investidas do adversário”, sendo sinônimo e variante também de *evitar*, *esquivar-se*, *enganar* e *iludir* (cf. HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 298).

A repórter Anna Beatriz Lourenço, do jornal *G1* (*g1.globo*), em uma notícia sobre o frio no estado do Rio de Janeiro, colocou como manchete a frase: “Trabalhadores da madrugada no Rio adotam diferentes estratégias para **driblar** o frio no inverno” (LOURENÇO, 2022)¹⁵. Dessa forma, pode-se dizer que, do modo como aparece na manchete da notícia, o termo *driblar*, utilizado no futebol no sentido de escapar dos adversários, é variante de “evitar” e até mesmo de “fugir”. Por se tratar da manchete de uma notícia, se esperaria a utilização de termos “neutros” e puramente informativos, haja vista que, no jornalismo informativo, o objetivo é exclusivamente reportar um fato (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). A manchete serve como exemplo da consolidação e cristalização semântica deste termo (*driblar*) na língua geral, para o qual os falantes não têm dificuldade em atribuir significado mesmo fora do contexto esportivo (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015).

Além disso, a jornalista assume uma postura relativamente neutra no contexto da mensagem, tendo em vista que o termo em questão é uma variante já consolidada no PB, muito por conta do fato de que os próprios dicionários, como destacado

¹⁵ Disponível em: [Trabalhadores da madrugada no Rio adotam diferentes estratégias para driblar o frio no inverno | Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2022/08/08/trabalhadores-da-madrugada-no-rio-adotam-diferentes-estrategias-para-driblar-o-frio-no-inverno-g1.globo.com). Acesso em: 08 ago. 2022.

anteriormente, já preveem os possíveis usos equivalentes do verbo. Ao mesmo tempo, sinaliza interpretar o fato como mais uma dificuldade que os trabalhadores têm de enfrentar.

Outro exemplo, dessa vez do jornal *Folha de S. Paulo* em parceria com a *BBC News*, um informativo digital, traz o termo futebolístico “driblar” em variação com o termo “esquivar-se de” ou “sobreviver a”, no sentido figurado (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019).

“Ela cita o exemplo da hoje aclamada artista negra americana Faith Ringgold, ícone da luta pela igualdade racial e pelos direitos das mulheres nos EUA, que conseguiu **driblar** as adversidades de forma criativa [...]” (FOLHA DE S. PAULO; BBC NEWS, 2022)¹⁶

É válido ressaltar que o termo em questão está no contexto do jornalismo opinativo, pois se caracteriza como um artigo sobre limites e estímulo de criatividade. Tal gênero se pauta acima de tudo na subjetividade opinativa – e até linguística – de quem produz a mensagem (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), construindo sentidos com base no enunciado em si e na audiência, segundo as funções de atitude subjetiva dos enunciados (BASÍLIO, 2005). O uso do termo *driblar* pelo veículo é coerente com uma postura que reconhece, na luta por igualdade racial, os movimentos de um jogo como o futebol, em que se pode contornar o oponente e seguir adiante, na busca pelos objetivos.

Por fim, o termo “driblar”, no exemplo a seguir, retirado da coluna informativa escrita pelo biólogo e pesquisador Átila Iamarino na *Folha de S. Paulo*, pode evidenciar um uso equivalente a “enganar”:

“Até pouco tempo, as variantes que mais se reproduziram foram aquelas que aumentaram a sua capacidade de infectar humanos. Por isso, sua evolução tornou a Covid progressivamente mais transmissível em apenas dois anos. E agora, a maioria das pessoas que o coronavírus encontra tem imunidade prévia, pela vacina ou pela Covid, e a evolução favorece mais linhagens do vírus que conseguem **driblar** essa imunidade.” (IAMARINO, 2022)¹⁷

¹⁶ Disponível em: [Como os limites podem estimular a criatividade - 19/06/2022 - Equilíbrio - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 08 ago. 2022.

¹⁷ Disponível em: [A evolução por trás da pandemia - 14/06/2022 - Atila Iamarino - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 08 ago. 2022.

O autor da coluna em análise é popularmente conhecido pelo seu trabalho na área científica, uma vez que possui graduação e pós-graduação em Ciências e costuma utilizar os canais sociais da internet para comunicar a respeito de temas relacionados à sua área. Nesse sentido, ele tem uma *persona* amplamente conhecida: é tido como um ativista assíduo das práticas e conhecimentos científicos quando o assunto é Covid-19 e suas implicações, o que o faz ser menção frequente nas informações que circulam a respeito da pandemia causada pelo vírus em questão.

Dessa maneira, ao escrever sobre a Covid-19 para a *Folha de S. Paulo*, o pesquisador, mesmo que se enquadre nas colunas cotidianas do jornalismo opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), o faz de modo mais focado nos fatos científicos a respeito do tema, o que traz às suas publicações jornalísticas um teor mais informativo do que opinativo nesse caso específico. Mesmo assim, usa o verbo “driblar” como variante de “enganar” ao afirmar que as diferentes linhagens do vírus podem, no momento presente, se reproduzir mesmo em meio a muitas pessoas imunes. O autor assume, aqui, um posicionamento didático para como seu público, já que busca explicar à população um assunto complexo, mas publicamente importante. Nesse caso, o uso do termo “driblar”, portanto, se explica na medida em que a expressão já está devidamente consolidada na linguagem popular como variante de “evitar”, “esquivar-se”, “enganar” e outros termos equivalentes, conforme explicitado nos exemplos analisados acima.

5.6 Cartão vermelho

No futebol, o árbitro ergue a mão segurando um “cartão vermelho” para indicar punição máxima, quando um jogador é expulso de uma partida por cometer faltas consideradas graves e antidesportivas. No *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, nas acepções para o verbete “cartão”, há uma que diz respeito especificamente ao contexto futebolístico, a qual conceitua que “cartão” é “um pequeno pedaço retangular de plástico, amarelo ou vermelho, usado pelo juiz para punir o jogador que comete faltas leves ou graves” (TREVISAN, 2015).

Nesse sentido, ao utilizar essa expressão fora do meio esportivo, o jornal *Folha de S. Paulo*, por meio da coluna escrita por Marcus Melo, vincula ao termo em referência o sentido próximo ao do futebol, em que “cartão vermelho” representa a

“expulsão” no jogo; aqui, neste caso, a expressão surge como variante de “expulsão” no contexto político:

“Boris Johnson acaba de sobreviver a uma moção de desconfiança. Só que não se trata aqui do instrumento utilizado pela oposição para derrubar governantes impopulares, como ocorreu com Callaghan, em 1979, e que levou à ascensão de Thatcher; mas sim de uma moção apresentada pelos correligionários do partido que está no poder. Sim, como aconteceu com a própria Thatcher, que levou um **cartão vermelho** do partido, em 1990, após duas moções, e foi substituída por John Major.” (MELO, 2022)¹⁸

Levando em consideração a passagem acima e a natureza do seu gênero jornalístico, o opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), pode-se dizer que o colunista, que costuma tratar de questões relacionadas à política em seus textos jornalísticos, busca ser contundente e categórico na afirmação feita a respeito da pessoa política de Thatcher, que ele utiliza de exemplo para explicar a situação do então primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson. Dessa forma, ao ser firme nas afirmações do exemplo em questão, Melo utiliza a expressão “cartão vermelho” de modo que assume uma postura impactante com relação ao tema da sua coluna, ao mesmo tempo conectada ao público leitor, que compreenderia a situação de Johnson a partir das dinâmicas do futebol.

Outro exemplo, dessa vez advindo de um blog do *site g1.globo*, do jornalista Gerson Camarotti, também utiliza a expressão “cartão vermelho” no sentido equivalente a “expulsão” ou “expulsar”. O termo aparece em dois momentos ao longo do texto:

“Integrantes do Palácio do Planalto e do próprio Ministério da Economia reconhecem que o ‘**cartão vermelho**’ do presidente Jair Bolsonaro tem endereço certo: o secretário Especial de Fazenda, Waldery Rodrigues. [...] Pela manhã, Guedes foi ao encontro do presidente Jair Bolsonaro. Depois, chamou de ‘barulheira’ as divergências no governo sobre meios de financiar o programa social Renda Brasil. O ministro também afirmou que não foi endereçado a ele o ‘**cartão vermelho**’ citado pelo presidente.” (CAMAROTTI, 2020)¹⁹

Ao observar o contexto do comentário, gênero jornalístico opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), pode-se dizer que o uso da expressão “cartão vermelho”, nas

¹⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcus-melo/2022/06/o-relogio-politico-de-boris-johnson.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2022.

¹⁹ Disponível em: [Para Planalto e Economia. 'cartão vermelho' tem endereço certo: Waldery Rodrigues | Blog do Gerson Camarotti | G1 \(globo.com\)](https://blog.g1.globo.com/Para-Planalto-e-Economia.-cartao-vermelho-tem-endereco-certo-Waldery-Rodrigues-Blog-do-Gerson-Camarotti-G1-globo.com). Acesso em: 09 ago. 2022.

situações em que se encontra, é coerente com o personagem do texto: o presidente Jair Bolsonaro. Como um árbitro, a ele caberia desligar um colaborador por atos mal cumpridos, sendo que esse desligamento valeria como uma “punição”. Com isso, mesmo que o gênero seja pautado na opinião do autor, que, neste caso, é bastante conhecido por fazer críticas políticas em suas manifestações, o uso da expressão futebolística está atrelado ao discurso de outra pessoa. O jornalista “dá voz” à fala de outra pessoa, assim isentando-se ou assumindo uma postura de neutralidade (“não fui eu que disse isso!”) ao reportar o fato.

Outro uso da expressão “cartão vermelho” em textos jornalísticos digitais é o do repórter Naief Haddad, da *Folha de S. Paulo*, ao opinar a respeito do político Eduardo Suplicy, que ao longo da sua carreira política protagonizou uma cena incomum na tribuna do Senado: ergueu um cartão vermelho de papel para simbolizar a “expulsão” de José Sarney, outro político, da presidência do Senado Brasileiro, fato que aconteceu em 2009. Assim, o uso da expressão, nesse caso, não se caracteriza somente como um recurso expressivo e figurado por parte do jornalista, mas sim como um termo essencial para descrever a lembrança da repercussão da cena referida:

“Suplicy recebeu mais de 2.000 emails de apoio no dia seguinte e foi muitas vezes cumprimentado nas ruas. Era evidente que o **cartão vermelho**, gesto inusitado de um político afeito a ações performáticas, havia repercutido mais do que qualquer discurso crítico a Sarney.” (HADDAD, 2022)²⁰

Pode-se entender que o uso do termo “cartão vermelho” como variante de “expulsão” nesse trecho não é um recurso figurado. Nesse caso, está ligado ao ato reportado, este sim carregado de uma performance simbólica que envolve a expressão futebolística. Portanto, o uso do termo “cartão vermelho” por parte de Haddad representa nada mais do que uma postura descritiva em torno do acontecimento; entretanto, por parte de Suplicy, personagem do texto opinativo de Haddad, o uso do “cartão vermelho” como elemento não verbal denuncia uma postura simbólica de enfrentamento ao então presidente do Senado, José Sarney, e de ineditismo na manifestação política.

Em suma, a expressão “cartão vermelho”, oriunda do futebol, conforme a acepção do *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* trazida no início desta seção, está em variação com “expulsão” ou “expulsar”, de acordo com a análise dos exemplos jornalísticos

²⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/suplicy-reve-sua-historia-em-livro-mas-evita-abordar-atritos-com-pt.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2022.

explicitados anteriormente. Ademais, seu uso faz com que os falantes assumam para si ou atribuam a alguém o papel de juízes, a quem cabe “expulsar e punir” em determinadas circunstâncias.

5.7 *Bater na trave*

A expressão “bater na trave”, se significada literalmente, é usada no meio do futebol para descrever o momento em que a bola, em vez de entrar no gol, bate em uma das traves da goleira. Ou seja, “bater na trave”, no futebol, significa não alcançar o objetivo do jogo, que é marcar gols. O verbete “trave”, segundo o *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, tem como terceira acepção “cada poste lateral do gol” (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 794).

Com isso, pode-se dizer, como mostra o exemplo abaixo, retirado da manchete de uma notícia do site *g1.globo*, que a expressão “bater na trave”, oriunda do futebol, é variante de “quase” ou “chegou perto”: “Lotofácil: aposta de Araraquara **bate na trave** e fatura R\$ 2,2 mil” (G1, 2022)²¹. Na sequência, o texto da notícia ainda pontua que: “Uma aposta simples de Araraquara (SP), feita com 16 números, **bateu na trave**, acertou 14 dezenas do concurso 2.522 da Lotofácil, realizado na segunda-feira (16), e faturou R\$ 2.270,14.” (G1, 2022).

O contexto do gênero notícia, que corresponde ao jornalismo informativo, cuja principal atividade é informar a população imparcialmente (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), reforça a cristalização da expressão “bater na trave” no léxico da Língua Portuguesa como variante de “quase” ou “chegar perto” do objetivo. Ademais, o sentido da expressão, se interpretado de acordo com essa equivalência, também se adequa ao contexto futebolístico, conforme a explicação exposta no início desta seção.

Em consonância a isso, o uso dessa expressão por parte do site jornalístico em questão faz com que este assuma um posicionamento “popular” em termos linguísticos. Dessa forma, por meio do referido recurso expressivo, o jornal busca se aproximar dos seus leitores.

²¹ Disponível em: [Lotofácil: aposta de Araraquara bate na trave e fatura R\\$ 2,2 mil | São Carlos e Araraquara | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/sao-carlos/araraquara/lotofacil-araraquara-bate-na-trave-e-fatura-r-22-mil-sao-carlos-araraquara-g1-globo.com). Acesso em: 10 ago. 2022.

Outrossim, na reportagem escrita pelo jornalista Eduardo Pierre, do G1, sobre o título carnavalesco da escola de samba Grande Rio, do Rio de Janeiro, o uso da expressão “bater na trave” também faz referência a “quase” e “chegar perto” de algo:

“Ao longo dessas três décadas, não faltou sofrimento para a Tricolor. A escola **bateu na trave** com quatro vices, perdendo o título por caprichos que nem Momo imaginaria. Também escapou por pouco de um rebaixamento quando já era presença frequente no Sábado das Campeãs.” (PIERRE, 2022)²²

Nesse trecho, além de permitir ao público o fácil entendimento do drama vivenciado pela escola de samba, o uso de “bater na trave” intensifica a história contada. Outras expressões acompanham esse mesmo propósito – como “caprichos que nem Momo imaginaria” (PIERRE, 2022). Isso imprime emoção e expressividade ao que diz respeito ao triunfo da escola de samba, de modo que os interlocutores entendam que a história por trás do título é de superação.

Ademais, ao mesmo tempo em que narra o contexto dessa forma, a reportagem, cumprindo o fim principal a que se destina, já que se encaixa no jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), informa a respeito da história recente da escola, o que acaba por engrandecer a conquista da Grande Rio.

Por fim, a coluna publicada na *Folha de S. Paulo* sobre o concurso de beleza Mister Brasil, escrita pelo colunista Fábio Luís de Paula, jornalista especializado na cobertura de concursos de beleza, também utiliza a expressão futebolística “bater na trave” no sentido já destacado nos exemplos anteriores: “quase”, “chegar perto” ou “por pouco”.

“Se as brasileiras ainda lutam para chegarem ao top 5 do Miss Supranational, no Mister Supranational a situação é bem diferente. Nas cinco primeiras edições o Brasil quase sempre **bateu na trave**: foram um vice-campeonato (Ítalo Cerqueira, em 2019), dois terceiros lugares (Samuel Costa em 2018 e Matheus Song em 2017), além de um quarto lugar (Bruno Vanin, em 2016). O Brasil não conseguiu classificação apenas em 2021.” (DE PAULA, 2022)²³

O interessante, aqui, é que nesta cobertura sobre a final do concurso masculino Mister Brasil, o jornalista assume uma postura positiva com relação ao uso de “bater na trave” para como seu público, dando a entender que o fato de os modelos

²² Disponível em: [A saga da Grande Rio: antes de título inédito, escola escapou de rebaixamento com 'virada de mesa' e bateu na trave com quatro vices | Carnaval 2022 no Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/18/a-saga-da-grande-rio-antes-de-titulo-inedito-escola-escapou-de-rebaixamento-com-virada-de-mesa-e-bateu-na-trave-com-quatro-vices-carnaval-2022-no-rio-de-janeiro-g1.globo.com). Acesso em: 10 ago. 2022.

²³ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/de-faixa-a-coroa/2022/05/mister-brasil-cnb-veja-os-candidatos-que-disputarao-o-titulo-neste-sabado.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.

brasileiros quase terem conquistado títulos nos concursos referidos é algo a ser comemorado, diferentemente do que tem ocorrido nos concursos femininos, nos quais as modelos brasileiras sequer conseguem “bater na trave”, isto é, chegar perto do *Top 5*.

Assim, já que as colunas advêm do jornalismo opinativo, em que o autor projeta sua opinião parcial a respeito do assunto do texto (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), fica evidente que, para De Paula, “bater na trave”, ou seja, não alcançar o objetivo por pouco, é melhor do que sequer conseguir chegar perto do “quase”.

Dessa maneira, a expressão em questão pode ser compreendida como variante de “quase”, “chegar perto de” ou “por pouco”, utilizada sobretudo de modo a lamentar a respeito de alguma situação. A postura que os indivíduos assumem, pois, utilizando esse termo, é muitas vezes de dor e frustração sobre algum objetivo ou conquista que passou perto de ser atingida. Além disso, ressalta-se que, como essa expressão futebolística é frequente na linguagem do dia a dia, às vezes seu uso é puramente referencial, valendo como sinônimo dos termos destacados acima.

5.8 Goleada

No futebol, o termo “goleada”, segundo o *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, representa uma “vitória por larga margem de gols” (FERREIRA, 2010, p. 381). Com isso, o exemplo abaixo, retirado da notícia política da *Revista IstoÉ* com base nas informações do jornal *Estadão*, evidencia o uso do termo em questão em um sentido similar ao do futebol:

“O presidente do Solidariedade, deputado Paulo Pereira da Silva, conhecido como Paulinho da Força, avalia que o governo vai sofrer uma derrota na votação. ‘Agora o Bolsonaro vai perder de **goleada**. Vai apanhar igual cachorro sem dono’, afirmou.”(ISTOÉ, 2021)²⁴

No texto acima, a expressão “perder de goleada”, da maneira como é dita, é equivalente ao sentido de perder por uma margem considerável de votos, tendo em vista que o contexto se trata de uma votação na Câmara dos Deputados a respeito do projeto do presidente da República sobre a implementação do voto impresso no Brasil. Vale ressaltar que a revista, ao colocar na matéria a fala do personagem da notícia em discurso direto, se vale do enunciado produzido por outra pessoa para informar a

²⁴ Disponível em: [Presidentes de partidos avaliam que voto impresso vai ser rejeitado pela Câmara - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](https://www.istoeh.com.br/brasil/Presidentes-de-partidos-avaliam-que-voto-impresso-vai-ser-rejeitado-pela-Camara-ISTOE-Independente-istoe.com.br). Acesso em: 10 ago. 2022.

população a respeito do fato, com o intuito de manter a neutralidade perante o tema. Isso porque o gênero em questão é referente ao jornalismo informativo, que busca veicular estritamente a informação coerente com a realidade, sem juízo de valor dos profissionais envolvidos na publicação da notícia (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

Assim, a revista mantém uma postura aparentemente imparcial com relação à notícia e com relação à sua audiência, pois a fala em discurso direto transfere a responsabilidade da opinião para a pessoa referida no texto. Por outro lado, Paulo Pereira da Silva, o personagem em questão, deixa seu posicionamento explícito ao utilizar a expressão “perder de goleada” como variante de “ampla derrota”. Ademais, somado o uso da expressão “cachorro sem dono”, pertencente também à linguagem popular, o termo “goleada” permite ao político assumir uma postura de torcedor que vibra com a derrota de um oponente, neste caso, a figura do presidente Jair Bolsonaro, pela qual Paulo parece ter inclusive uma certa raiva.

Já em uma notícia publicada pelo jornalista Bruno Benevides, da *Folha de S. Paulo*, é possível destacar o uso do termo “goleada” como equivalente a “ampla vantagem”, já que o assunto do texto diz respeito a uma disputa eleitoral: “A terça-feira (3) que começou com Joe Biden esperando aplicar uma **goleada** no presidente Donald Trump terminou com o mundo inteiro sem saber quem será o próximo presidente americano.” (BENEVIDES, 2020)²⁵.

Analisando o trecho, percebe-se que a utilização da expressão enquadra o pleito eleitoral como uma disputa. Veicula o entendimento de que a expectativa inicial de Biden era a de que ele vencesse Trump de maneira confortável. Desse modo, mesmo que Benevides procure atribuir tal expectativa ao candidato Joe Biden, o uso do termo “goleada” permite depreender o posicionamento do jornalista acerca do processo eleitoral: trata-se de um jogo em que, eventualmente, um dos candidatos pode “ganhar” por larga vantagem.

Além disso, mesmo que o texto-notícia se baseie mais no ato de reportar o contexto eleitoral norte-americano, já que se encaixa no jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), o jornalista ainda utiliza, no final do texto,

²⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/11/com-lideranca-em-michigan-e-wisconsin-biden-fica-proximo-da-vitoria.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.

outra expressão que remete ao meio esportivo: “Há ainda a chance de a disputa acabar só na *prorrogação* [...]” (BENEVIDES, 2020). Dessa forma, com a presença da expressão “prorrogação” somada ao uso do termo “goleada” no início do texto, é possível afirmar que o autor, ao menos nesta notícia, metaforiza a disputa política como se esta fosse uma partida de futebol, o que pode dar corpo a seu estilo de *persona* jornalístico. Ademais, permite, destarte, que seus leitores compreendam o tema com mais eficiência.

O terceiro exemplo do uso do termo “goleada” fora do contexto esportivo se encontra em uma coluna opinativa, publicada também na *Folha de S. Paulo*, pelo ambientalista Jorge Abrahão e pelo sociólogo Igor Pantoja a respeito da participação social na capital paulista.

“Na política urbana, tema dos mais relevantes na maior cidade da América Latina, o poder econômico vem ganhando de **goleada** em relação à sociedade civil. Esta não participou, por exemplo, da elaboração do cronograma ou metodologia a serem adotados no processo de revisão do Plano Diretor, que vem sendo levado a cabo pela prefeitura mesmo no atual cenário de limitação da participação popular na defesa de seus interesses.” (ABRAHÃO; PANTOJA, 2021)²⁶

Novamente, de acordo com o exemplo acima, o termo “goleada” aparece como variante de “grande vantagem” em um contexto que envolva uma disputa. Com isso, ao utilizar a expressão, os autores, considerando que são técnicos nas áreas de estudo que servem de temática para a coluna, assumem uma postura opinativa no que concerne o assunto do texto, principalmente porque as colunas se enquadram no gênero do jornalismo opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). Ademais, o uso da expressão em questão evidencia que os autores interpretam a relação *sociedade x poder econômico* como um embate.

Nesse sentido, o uso do termo “goleada” como variação para “ampla vantagem” ou “ampla derrota”, semelhante ao sentido do termo no meio futebolístico, pressupõe que os contextos nos quais ele é empregado giram em torno de alguma disputa literal ou até figurada. A partir disso, os falantes podem assumir diferentes posturas com

²⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/08/o-ocaso-da-participacao-social-na-cidade-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.

relação à utilização dessa expressão, a depender da natureza do enunciado e do assunto do texto.

5.9 *Jogada ensaiada*

“Jogada ensaiada” é, segundo o *Dicionário de Futebol*, elaborado por Haroldo Maranhão, uma “jogada estratégica, objeto de treinamento, para surpreender o adversário [...]” (MARANHÃO, 1998). Sob esse viés, há de se analisar qual é o sentido da referida expressão quando usada fora do contexto esportivo.

O primeiro exemplo em análise vem da *Revista IstoÉ*, de uma coluna sobre política escrita pela jornalista Florência Costa a respeito do ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, aspirante a candidato na época:

“Na terça-feira 28, em visita à cidade de Rio Claro (SP), coincidentemente terra natal de Ulysses Guimarães, Lula defendeu Quércio, lembrando que as denúncias de corrupção contra ele nunca resultaram em uma condenação. A defesa de Lula fez parte de uma **jogada ensaiada**. Quércio vazou à imprensa uma articulação política que vinha sendo tricotada com o presidente nacional do PT, deputado José Dirceu (SP), para tentar criar um clima favorável nas bases do PMDB à proposta que vai levar à convenção do partido, no próximo dia 15: a de apoiar oficialmente a candidatura petista.” (COSTA, 2002)²⁷

Nesse contexto, como a coluna trata de uma questão política, é possível dizer que o uso da expressão “jogada ensaiada” aparece, no trecho, como variante linguística de “estratégia”, no sentido de uma ação que foi tomada de modo calculado, com segundas intenções por uma aliança. Ademais, o texto em questão é uma coluna em que a autora expressa sua opinião sobre Lula e suas ações, tendo em vista que o gênero jornalístico é o opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). Destaca-se, ainda, que Costa utiliza outros termos no texto integral como “o generoso coração de Lula” e “juras de amor”, dando a entender que sua postura perante os fatos sobre os quais ela opina é irônica.

Com isso, ao utilizar a expressão “jogada ensaiada” como equivalente de “estratégia” política, e considerando também sua opinião e seu estilo marcados na coluna, a jornalista se posiciona de modo sarcástico, criticamente, com relação ao tema do seu texto, evidenciando esse posicionamento para os seus leitores.

²⁷ Disponível em: [Olho vivo e faro fino - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](http://olho.vivo.e.faro.fino-istoee.independente.istoe.com.br). Acesso em: 11 ago. 2022.

Em outro sentido, no jornal *Folha de S. Paulo*, a opinião posta em uma coluna pelo jornalista mestre em Ciência Política Bruno Boghossian faz uso de “jogada ensaiada” como variação possível para “combinação”.

“Na ausência de alvos fáceis, o bolsonarismo costuma recauchutar polêmicas do passado. Desta vez, o Ministério da Justiça fez uma **jogada ensaiada** com políticos conservadores e proibiu a exibição de um filme de 2017. A manobra expõe um governo que depende da mesma guerra cultural que Jair Bolsonaro explorou para chegar ao poder.” (BOGHOSSIAN, 2022)²⁸

Assim, levando em conta novamente as intenções discursivas de um texto do jornalismo opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), considera-se que, ao usar a expressão futebolística no contexto acima, o jornalista sinaliza seu julgamento do valor das ações do Ministério da Justiça do atual Governo Brasileiro. Na passagem em questão, “jogada ensaiada” se apresenta como variante de “combinação”. No período seguinte, o autor utiliza o termo “manobra” como sinônimo para retomar a expressão “jogada ensaiada” posta anteriormente, o que confirma a avaliação negativa de Boghossian sobre a estratégia abordada.

No último dado analisado nesta seção, na entrevista feita pelo jornalista Flávio Ferreira, da *Folha de S. Paulo*, com o pesquisador político da Corte Suprema Rubens Glezer, também é usado o termo “jogada ensaiada”, mais uma vez com o sentido pejorativo e equivalente à “manobra”.

“Coordenador do grupo de estudos da FGV Supremo em Pauta, que monitora as atividades do STF (Supremo Tribunal Federal), Rubens Glezer avalia, em entrevista à Folha, que houve uma ‘**jogada ensaiada**’ dos ministros da corte Dias Toffoli e Luiz Fux para atribuir à presidência do tribunal o poder de cassar decisões individuais de seus integrantes.” (FERREIRA, 2021)²⁹

Analisando o trecho, é possível destacar que Ferreira se exime de assumir uma posição com relação em tema, já que nas entrevistas, que são parte do jornalismo informativo, segundo a divisão estabelecida por Mendez; Villalta e Batista (1998), o foco está voltado sobretudo para a pessoa a ser entrevistada. Na passagem em questão, o entrevistado, Rubens Glezer, ao utilizar a expressão “jogada ensaiada”

²⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2022/03/blitz-sobre-filme-exibe-governo-dependente-de-guerra-cultural.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2022.

²⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/fux-e-toffoli-fizeram-jogada-ensaiada-por-superpoder-em-catimba-no-supremo-diz-professor-da-fgv.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2022.

com o sentido pejorativo de “manobra”, assume uma postura de ironia com relação aos seus interlocutores e principalmente com relação ao conteúdo da entrevista.

Tal perspectiva irônica ligada ao posicionamento de Glezer advém, ademais, do fato de o pesquisador em questão comumente utilizar metáforas futebolísticas para comparar o comportamento dos políticos com o dos jogadores de futebol, segundo o próprio jornalista entrevistador Flávio Ferreira. Sobre isso, Glezer escreveu, inclusive, um livro intitulado *Catimba Constitucional: O STF, do Antijogo à Crise Constitucional*, no qual analisa a Corte Suprema Brasileira, seu principal objeto de estudo, por meio de analogias futebolísticas, obra sobre a qual Glezer também comentou a respeito na entrevista para a *Folha*. Portanto, é comum que o entrevistado utilize termos e expressões do futebol como modo de estabelecer analogias que, acima de tudo, criticam a conduta política, conforme o exemplo destacado alhures.

De acordo com as colunas e com a entrevista postas acima, é possível afirmar que a expressão “jogada ensaiada”, nos dois primeiros exemplos, tem na sua equivalência sentidos similares ao do futebol, em que o termo serve, de fato, como uma “estratégia” ou como uma “combinação” em uma partida. Entretanto, a última ocorrência aqui analisada mostra que essa expressão, dependendo do contexto, também pode indexar um julgamento negativo e irônico, que não se aproxima tanto da sua significação dentro do meio esportivo.

5.10 Aos 45 do segundo tempo

Na cronologia do futebol, quando o cronômetro marca os 45 minutos do segundo tempo significa que a partida em disputa está próxima do fim, dependendo somente dos minutos de acréscimos geralmente dados pelos árbitros. Assim, a expressão “aos 45 do segundo tempo”, quando usada fora do contexto futebolístico, se refere acima de tudo a ações tomadas “em cima da hora”, cujo tempo estava quase esgotando.

Nesse sentido, o exemplo abaixo, retirado de um comentário da *Revista IstoÉ* sobre a prisão do ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, traz a referida expressão justamente como variante de “em cima da hora”.

“A aparelhagem estava sendo montada no interior da Cadeia Pública José Frederico Marques, em Benfica, na Zona Norte do Rio, onde

Cabral e seus companheiros de crime cumprem pena. Estava. O escárnio foi evitado **aos 45 do segundo tempo**.” (ISTOÉ, 2017)³⁰

O comentário em questão, que, como os textos do jornalismo opinativo, deixa claro o posicionamento da revista sobre o fato noticiado (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), utiliza a expressão “aos 45 do segundo tempo” como equivalente a outra expressão da linguagem cotidiana e do senso comum: “em cima da hora”. Com isso, a revista assume uma postura jocosa para com o fato, já que outros termos que aparecem no texto, como “escárnio”, evidenciam que há o intuito de zombar do ex-governador e suas exigências na prisão: uma TV de 65 (sessenta e cinco) polegadas e de um *home-theater* na cela. O próprio título do comentário denuncia essa perspectiva: “De Campo Grande ao cinema” (ISTOÉ, 2017).

Assim, ao se evidenciar o objetivo de provocar um humor irônico com relação à vida de Sérgio Cabral na cadeia, a revista, com o uso da expressão futebolística em questão e de outras palavras com esse efeito, deixa claro seu posicionamento de lamentação e ironia a respeito do fato de a transferência do ex-governador para um presídio de segurança máxima não ter se concretizado por pouco, já que a evitaram “aos 45 do segundo tempo”.

Seguindo o mesmo sentido, essa expressão aparece em outro texto da *Revista IstoÉ*, em uma seção cujo objetivo é discorrer sobre a vida de celebridades e subcelebridades, denominada “Gente” e comentada anteriormente em outra seção deste capítulo. Dessa forma, o texto das jornalistas Gisele Vitória, Simone Blanes e Silvine Melo, encaixado aqui no jornalismo diversional, cujo intuito é divertir a audiência (ASSIS, 2016), faz uso da expressão “aos 45 do segundo tempo” novamente com o sentido equivalente a “em cima da hora”:

“Marcelle Bittar formou-se em jornalismo pela New York Film Academy. O curso, porém, a fez descobrir um novo talento: atuar. Modelo e apresentadora, ela passou seis meses aprendendo a produzir, editar e dirigir um filme e, **aos 45 do segundo tempo**... bingo! Virou protagonista do curta-metragem ‘Constance Hersh’.” (VITÓRIA; BLANES e MELO, 2014)³¹

³⁰ Disponível em: [De Campo Grande ao cinema - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](http://istoe.com.br). Acesso em: 11 ago. 2022.

³¹ Disponível em: [Jornalista e atriz - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](http://istoe.com.br). Acesso em: 11 ago. 2022.

Considerando o objetivo do texto em questão, conforme as características explicitadas sobre a seção “Gente” da revista, a utilização da expressão do futebol nesse contexto faz com que as autoras assumam uma postura despojada no diálogo com os interlocutores, reforçada pelo uso de outros termos como “bingo”, ao tratar da vida e da carreira de Marcelle Bittar, personagem do texto em questão.

Por fim, a expressão em questão aparece em uma entrevista dada pelo ministro Ciro Nogueira para os jornalistas Julia Chaib, Marianna Holanda e Mateus Vargas, da *Folha de S. Paulo*. Como já se afirmou anteriormente, as entrevistas fazem parte do jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), ao mesmo tempo em que informam a população a respeito de um fato e atribuem tais informações às figuras dos entrevistados.

Durante essa entrevista, ao ser perguntado sobre uma possível não aceitação do presidente Jair Bolsonaro com relação ao resultado das urnas nas eleições de 2022, o ministro evidencia que:

“Ele sempre ganhou nas urnas e vai ser reeleito. Há três meses, se falava que ele podia perder pro Lula. Hoje só perde para ele mesmo. Não Bolsonaro, mas o governo como um todo. Se não tomar medidas corretas, se for fazer medidas eleitoreiras, estourar o teto de gastos. Nós já estamos nos **45 do segundo tempo**, com a bola na marca do pênalti. Presidente só precisa chutar para o gol.” (NOGUEIRA, 2022)³²

Com o posicionamento bastante marcado e confiante a respeito da reeleição do atual presidente, o ministro Ciro Nogueira usa a expressão “45 do segundo tempo” como variante de “reta final”, sentido que também se relaciona com o do futebol. Ademais, há a utilização evidente de outras expressões futebolísticas no trecho, como “bola na marca do pênalti” e “chutar para o gol”. O entrevistado assume uma postura didática, explicando suas ideias, padronizada, ao menos nessa passagem, com termos do futebol. Assim fazendo, evoca a ideia de pleito eleitoral como “competição” e alinha-se ao público, usando metáforas futebolísticas para expressar sua opinião.

Destarte, a expressão “aos 45 do segundo tempo” usada fora do meio do futebol tem uma equivalência próxima à da expressão do senso comum “em cima da

³² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/ciro-nogueira-diz-que-corrupcao-no-governo-e-virtual-e-defende-alianca-centrao-militares.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2022.

hora”. Além disso, o termo em questão, segundo a análise feita acima, também serve como variante de “reta final”.

5.11 *Chutar*

O verbo “chutar”, segundo o *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, tem como primeira acepção “dar chute(s) [em]”, sendo que o exemplo apresentado pelos autores vem justamente do futebol: “o zagueiro chutou (a bola) com força” (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 177). Ademais, como gíria, o termo aparece no dicionário como variante de “tentar acertar [respostas, testes] por sorte” e “abandonar” alguém (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 177).

No exemplo trazido abaixo, retirado da reportagem de Vanessa Fajardo, do *site G1*, cujo contexto diz respeito à prova do ENEM, o uso do termo “chutar” tem seu sentido equivalente a uma das variações trazidas pelo dicionário e explicadas acima, que significa “tentar acertar por sorte”.

“Especialistas ouvidos pelo G1 dizem que o melhor é **chutar**. Cada prova objetiva tem 45 perguntas de múltipla escolha, são 180 questões por dia, por isso é natural que o aluno não saiba responder uma ou outra. O problema do chute, no entanto, é que a metodologia usada pela prova, a Teoria de Resposta ao Item (TRI), consegue detectá-lo quando o aluno erra as questões consideradas fáceis, por exemplo, e acerta as difíceis. E quando não há ‘coerência pedagógica’ a pontuação não tende a ser alta.” (FAJARDO, 2017)³³

Ao analisar o contexto da reportagem em questão, fica evidente que o uso da expressão “chutar”, concebida no dicionário como uma gíria (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019), está internalizada no léxico da língua como variante de “tentar acertar por sorte” – principalmente no contexto de resolução de testes e atividades escolares e acadêmicas com questões objetivas. Nesse sentido, vale ressaltar que na íntegra dessa mesma reportagem o termo em questão aparece outras seis vezes, e a palavra “chute”, substantivo derivado do verbo “chutar”, aparece duas vezes.

Como as reportagens são textos que pertencem ao gênero do jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), não há, ao longo desse texto, uma projeção opinativa da jornalista com relação ao tema. O que acontece, no

³³ Disponível em: [Enem 2017: chutar ou deixar a questão em branco? Qual a melhor estratégia quando a resposta não vem? | Enem 2017 | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2017/11/11/enem-2017-chutar-ou-deixar-a-questao-em-branco-qual-a-melhor-estrategia-quando-a-resposta-nao-vem-1.7111111). Acesso em: 12 ago. 2022.

exemplo, é que Fajardo utiliza as declarações dos especialistas da área para elaborar sua matéria. Estes, por sua vez, já que tratam do assunto de modo técnico, assumem perante a audiência uma postura explicativa e didática, introduzida sobretudo pelo uso do termo “chutar”, já que seu sentido equivalente a “tentar acertar por sorte” já está consolidado na língua.

O segundo exemplo trazido é em certa medida bastante parecido com o primeiro, considerando, inclusive, o contexto para o uso do termo “chutar”. Em uma breve fala para o jornalista Diogo Almeida, no *site g1.globo*, o professor personagem do texto utiliza o verbo referido novamente como variante de “tentar acertar por sorte” alguma questão de exames ou testes.

“Não deixe questões em branco, porque isso baixa muito a nota da prova. Se for **chutar**, chute as questões mais difíceis, pois as fáceis é obrigação do aluno acertar. No momento em que você acerta uma questão difícil e erra uma fácil, a sua questão difícil está valendo bem menos’, disse o professor.” (ALMEIDA, 2021)³⁴

Assim como no primeiro exemplo, aqui, o termo “chutar” fora do contexto futebolístico é equivalente a “tentar acertar algo na sorte”. Os contextos de uso do primeiro e do segundo exemplos se parecem bastante, já que ambos discorrem sobre o sistema de funcionamento das notas na prova do ENEM em reportagens pautadas nas informações trazidas por profissionais da área da educação.

Com isso, pelo fato de a reportagem ter um cunho informativo, visto que se encaixa no jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), o uso da expressão “chutar”, bem como do termo “chute”, se caracteriza por ser uma palavra bastante comum no meio da educação para designar uma estratégia dos alunos, já que geralmente é utilizada no sentido exposto acima e, nos dois casos, foi manifestada por professores. Com isso, no exemplo em questão, ao usar o verbo “chutar”, mais uma vez o falante assume um posicionamento explicativo com relação ao tema, aparentemente sem juízo de valor ou intenção metafórica e interpretativa, tendo em vista que tal sentido do termo analisado é de uso geral no português brasileiro, tal como preconizam as acepções retiradas do *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019).

³⁴ Disponível em: [Professor de matemática dá dicas de como 'chutar' no Enem: 'não deixe questões em branco' | Lá Vem o Enem 2021 | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/11/12/professor-de-matematica-da-dicas-de-como-chutar-no-enem-nao-deixe-questoes-em-branco-lá-Vem-o-Enem-2021-G1-globo.com). Acesso em: 12 ago. 2022.

Por fim, ao analisar o último exemplo desta seção, tem-se a clara ideia de que “chutar” se refere, acima de tudo, ao sentido equivalente já exposto nos parágrafos anteriores, o que de fato evidencia seu uso comum nesse contexto. No comentário feito por Celso Fonseca, na *Revista IstoÉ*, a respeito da repercussão e impacto do programa *Show do Milhão*, da rede televisiva SBT, o termo “chutar” aparece, de novo, como variante de “tentar acertar na sorte”.

“A questão era qual o primeiro nome do pintor pré-impressionista francês Paul Cézanne. Sofia não sabia, embora naquele pequeno espaço de tempo parecendo uma eternidade tenham lhe passado pela cabeça todos os fascículos dos *Grandes mestres da pintura*, que colecionara na juventude. ‘Abri a boca para **chutar** uma das alternativas, estava pronunciando Jacques, quando não sei por que falei Paul’, conta.” (FONSECA, 2001)³⁵

Mesmo que os comentários jornalísticos se trate de gêneros do jornalismo opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), nesse caso o uso da expressão em questão não carrega uma opinião ou um posicionamento marcado pela subjetividade de quem produziu o enunciado, mas sim pelas mesmas questões de variação e postura discutidas nos exemplos anteriores, já que o termo “chutar”, no sentido de tentar acertar alguma questão de testes ou questionários na sorte, já está impregnado na língua cotidiana.

Assim, a utilização dessa expressão, em todos os textos analisados nesta seção, se deu da mesma forma, ou seja, com a mesma equivalência e com o mesmo posicionamento dos falantes perante os interlocutores e perante o conteúdo dos discursos. Tal questão deixa claro que o sentido equivalente de “chutar”, termo apresentado e discutido nessa análise como variante de “tentar acertar na sorte”, já está totalmente consolidado no PB.

5.12 *Em time que está ganhando não se mexe*

A expressão “em time que está ganhando não se mexe” é usualmente utilizada no meio do futebol para expressar uma máxima de que não se fazem substituições e modificações na equipe que está vencendo. Mesmo que atualmente essa postura seja contestada pelos estudiosos de táticas futebolísticas, essa expressão continua sendo bastante reconhecida dentro e fora do contexto esportivo.

³⁵ Disponível em: [Na ponta da língua - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](http://Na.ponta.da.lingua.-ISTOÉ.Independente(istoe.com.br)). Acesso em: 12 ago. 2022.

O primeiro exemplo trazido a respeito do uso dessa expressão para além das praças esportivas corresponde a uma notícia publicada no *blog* do comentarista político Valdo Cruz, do *G1*, na qual a expressão está em equivalência com o sentido de “manter o que está dando certo”.

“Na quinta-feira (26), durante posse da nova diretoria da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, Bolsonaro fez questão de levantar o braço de Zema, candidato à reeleição, e dizer: ‘**em time que está ganhando não se mexe**’, apoiando oficialmente, perante empresários, a candidatura do governador para mais um mandato.” (CRUZ, 2022)³⁶

Dessa forma, como o texto em questão é uma notícia, gênero que se compromete, em tese, somente com informações e fatos a respeito de algum acontecimento, já que pertence ao jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), o uso da expressão futebolística “em time que está ganhando não se mexe”, no exemplo, é atribuído única e exclusivamente a uma fala do presidente da República Jair Bolsonaro, a partir do que se pode afirmar que o jornalista busca reproduzir fielmente o que disse o presidente e, assim, manter uma postura imparcial perante o seu texto.

Em outra reportagem a respeito de um fato acerca do mesmo tema, o jornalista do *g1.globo*, Alex Araújo, utiliza praticamente a mesma fala do presidente Jair Bolsonaro para contrapor um fato novo sobre a situação reportada.

“Zema ainda disse que ‘Minas Gerais precisa do governo federal e continuará dialogando com o governo federal. Então, com relação à campanha, eu caminho com o Luiz Felipe d’Avila. Se amanhã, o partido Novo decidir apoiar outro candidato, eu seguirei o partido Novo’. Na véspera, Zema e o presidente Jair Bolsonaro (PL) ficaram lado a lado durante evento em Belo Horizonte. Na ocasião, Bolsonaro demonstrou apoio ao governador do estado, pré-candidato à reeleição. [...] ‘Já que o governador acabou de ocupar a tribuna, **time que está ganhando não se mexe**’, disse Bolsonaro [...]” (ARAUJO, 2022)³⁷

O trecho evidencia que Romeu Zema, atual governador de Minas Gerais, um dia depois de ser apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro por meio da fala “em time que está ganhando não se mexe” – presente no exemplo anterior e que reforça a reeleição do governador, uma vez que é variante de “manter” alguma coisa –, expôs

³⁶ Disponível em: [PL deve retirar candidato ao governo de MG para viabilizar aliança entre Bolsonaro e Zema | Blog do Valdo Cruz | G1 \(globo.com\)](#). Acesso em: 12 ago. 2022.

³⁷ Disponível em: [Um dia depois de agenda com Bolsonaro, Zema volta a dizer em BH que apoia Luiz Felipe d’Avila à Presidência da República | Eleições 2022 em Minas Gerais | G1 \(globo.com\)](#). Acesso em: 12 ago. 2022.

que seu apoio ao candidato à presidência da República nas eleições de 2022 irá ao político que seu partido escolher, e não diretamente ao atual presidente, como se esperava. Assim, ao trazer novamente a fala do presidente do dia anterior, o repórter, mesmo que as reportagens pertençam ao jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), contrapõe os fatos que se contradizem entre si, expressando sua interpretação das informações e, com isso, assumindo uma postura veladamente parcial nesse contexto, a qual sugere, até certo ponto, o desencontro entre os dois políticos.

Na última ocorrência analisada, de uma reportagem oral feita pela repórter Marina Franceschini à *GloboNews*, disponibilizada no *g1.globo*, há uma afirmação do atual vice-presidente da República, Amilton Mourão, com relação a algumas medidas pretendidas pelo então Ministro da Justiça e da Segurança Pública, Sérgio Moro. Segundo a jornalista, Mourão disse que **“em time que está ganhando a gente não mexe”** (MOURÃO, 2020)³⁸, dando a entender que as modificações no funcionamento do Ministério em questão, tentadas por Moro, não ocorreriam. Isso porque, de novo, aqui o sentido da expressão é equivalente a “manter aquilo que vem dando certo”, sem necessidade de modificações, tal como o sentido da expressão no futebol.

Dessa maneira, vale destacar que, como já explicitado antes, por serem as reportagens características do jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), a repórter atribui o uso da expressão e toda a sua significação ao discurso produzido pelo vice-presidente, assumindo uma postura meramente informativa e neutra com relação ao fato. Amilton Mourão, esse sim, se posiciona de modo impositivo perante o fato ocorrido ao utilizar a expressão, dado o cargo que ele exerce.

Em síntese, a expressão “em time que está ganhando não se mexe”, uma máxima nos contextos futebolísticos, é variante linguística de “manter” algo quando usada também em situações que não impliquem o futebol necessariamente. Assim, conforme os exemplos apresentados acima, os falantes e interlocutores não expressam, de modo geral, dificuldade no que diz respeito à compreensão dessa expressão metaforicamente, o que evidencia que, de acordo com as ideias já fundamentadas em capítulos anteriores, os sentidos da língua

³⁸ Disponível em: [Mourão sobre Sergio Moro: ‘Em time que está ganhando não se mexe’ | GloboNews Estúdio i | G1](#). Acesso em: 12 ago. 2022.

construídos cultural e socialmente (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015) estão bastante consolidados.

5.13 *Embolou o meio de campo*

O setor do meio-campo, no futebol, é tido como uma das principais engrenagens de um time, responsável por estabelecer o bom funcionamento das jogadas e a estabilidade de uma equipe dentro de uma partida. Considerando o quão fundamental é o meio de campo na tática futebolística, a expressão “embolou o meio de campo” diz respeito à realização de ações sociais, dentro do esporte bretão ou não, em que algo não ocorre conforme as expectativas dos participantes ou em que há algum tipo de confusão.

Para exemplificar o uso dessa expressão em contextos diversos, tem-se como primeira análise uma coluna, publicada no *blog* da jornalista Tatiana Prazeres, da *Folha de S. Paulo*. O texto em questão trata de temas sobre relações internacionais entre os Estados Unidos e a Ásia, a respeito do qual a autora tem bastante experiência, já que trabalha na área de comércio exterior e já atuou na China. Segundo Prazeres, a China:

“[...] atenta ao interesse de Taiwan em juntar-se ao bloco, moveu-se primeiro ao protocolar seu pedido. O pleito de Taiwan foi feito poucos dias depois. Pequim **embolou o meio de campo**. Fica politicamente difícil para os membros do CPTPP considerarem o pedido de Taipé sem analisar o de Pequim.” (PRAZERES, 2021)³⁹

De acordo com o trecho acima, a autora utiliza a expressão “embolou o meio de campo”, que nada se relaciona primariamente com o assunto da coluna, como variante de “impedir”, “enrolar”. Tal variação é similar ao segundo sentido de “embolar” no *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, que traz respectivamente como segunda e terceira acepções do termo “enrolar[-se], emaranhar[-se]” e “confundir[-se], misturar[-se]” (HOUAISS; VILLAR e FRANCO, 2019, p. 308).

Assim, o uso da expressão futebolística no contexto acima diz respeito ao fato de que a jornalista enxerga a ação tomada pela capital chinesa como um ato de “enrolar, emaranhar” e assim “confundir” os membros do bloco internacional CPTPP (sigla em inglês para *Acordo Abrangente e Progressivo para a Parceria Transpacífico*), uma vez que, ao protocolar o pedido de entrada antes de Taiwan, a China impede que Taiwan o faça. Desse modo, pode-se dizer que, ao escrever essa expressão em sua

³⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatiana-prazer/2021/10/a-falta-que-faz-aos-eua-uma-estrategia-comercial-para-a-asia.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

coluna, Prazeres assume uma postura opinativa com relação ao tema, explicitando aos seus leitores seu ponto de vista com relação ao contexto: Taiwan teria “direito” a pleitear a participação no bloco, a China a impediu, realizando uma “jogada” em uma disputa. O gênero jornalístico permite a manifestação de interpretações como essa em colunas de jornalismo opinativo, como a de Prazeres, nas quais os autores e jornalistas deixam marcado o seu posicionamento sobre o assunto (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

O segundo exemplo diz respeito a uma coluna narrativa escrita por Antônio Prata em uma antiga seção do jornal *Folha de S. Paulo* em que eram publicadas histórias cotidianas. Essa seção, inclusive, era comum nos jornais impressos da *Folha* e passou a ser publicada no jornal digital também. Na referida narrativa, no primeiro parágrafo, o narrador em primeira pessoa descreve que:

“Por vinte anos, trabalhei em casa: me trancava no escritório e, escondido de mim mesmo - ou das tentações que poderiam me afastar de mim mesmo, como a televisão, o telefone, a geladeira -, escrevia o que tinha que escrever. Com dois filhos, porém, **o meio de campo embolou** um pouco e acabei alugando uma sala comercial, na rua de baixo, em cima de um pet shop.” (PRATA, 2015)⁴⁰

Nesse exemplo, a expressão é equivalente ao verbo “complicou”, tendo em vista que a narração em questão dá a entender que a presença de duas crianças prejudicou a concentração do autor para continuar escrevendo em casa. A partir disso, vale ressaltar, do ponto de vista do futebol, que a expressão se apresenta aqui com uma equivalência similar à da situação esportiva, haja vista que, no esporte, quando o meio de campo “embola”, significa que o jogo se complicou ou que esse setor do time está confuso ou desorganizado. Em ambos os casos, conforme visto anteriormente, a expressão “embolou o meio de campo” é usada para narrar acontecimentos cujo desenrolar-se foi suspenso porque os participantes foram emaranhados por outros fatos ou circunstâncias.

Além disso, como o texto do segundo exemplo possui algumas características literárias, ainda que seja uma coluna publicada em jornal, não se pode encaixá-lo no jornalismo opinativo, já que seu teor principal é de entretenimento ficcional, gênero que, segundo Mendez; Villalta e Batista (1998), serve para entreter e divertir os

⁴⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/220272-um-machado-comida-pragato.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

leitores, caracterizando-se como uma seção mais “leve” no meio jornalístico. Destarte, é possível aferir que o uso da expressão “embolou o meio de campo”, no contexto em que é utilizada, faz com que o narrador da história assuma uma postura menos contundente com relação ao narrado em seu texto e, ao mesmo tempo, evoque os desafios da situação vivenciada, análoga às dos jogos de futebol.

Por último, em 2013, na entrevista transcrita de Henrique Eduardo Alves, então presidente da Câmara dos Deputados, dada à *Folha de S. Paulo* e conduzida pelo jornalista Fernando Rodrigues, o entrevistado faz uso da expressão “embolou o meio de campo” para retratar a sobreposição de situações desafiadoras com que pode ter de lidar no desenvolvimento de um processo. Quando perguntado a respeito de processos eleitorais especulados na época, Alves afirmou:

“E, veja bem, os deputados estão nesse processo também, de aflição, de ansiedade porque, adiantado o processo eleitoral também da eleição de deputado, de governador, de senador, as demandas de municípios e de Estados que nós temos dever de representar e resolver, como não se resolvem ou pela burocracia ou pelo engessamento ou pela falta de autonomia desses ministérios, tudo passou a ser muito mais difícil. E você preocupado em não ter respostas que o seu Estado está pedindo, que o seu município está pedindo com desgaste da sua atuação. Então, **embolou todo esse meio de campo** e, daí, essa desarrumação geral do parlamento.” (ALVES, 2013)⁴¹

Nesta resposta, o líder da Câmara dos Deputados utiliza a expressão “embolou todo esse meio de campo” – com as inserções dos pronomes “todo” e “esse”, que fazem referência a ideias do contexto que ele retrata – como variação lexical para “desordem” ou “desorganização”, expressando assim o modo como interpreta a situação relatada. Uma evidência dessa equivalência clara está no fato de que, logo após usar essa expressão, Alves utiliza a palavra “desarrumação” como elemento de retomada, evidenciando o sentido exposto anteriormente.

Por se tratar de uma entrevista, típica do jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), que, conforme já destacado neste capítulo, faz referência a fatos da realidade com enfoque no personagem que está sendo entrevistado, o entrevistado parece não só assumir uma postura informal ao utilizar a

⁴¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/poderepolitica/2013/07/1312649-leia-a-transcricao-da-entrevista-de-henrique-eduardo-alves-a-folha-e-ao-uol--parte-1.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

expressão futebolística “embolou todo esse meio de campo”, mas também fazer um desabafo e evocar a visão de “confusão”. Isso pode ser explicado pelo fato de que a entrevista é transcrita, ou seja, originalmente ela corresponde a um depoimento oral, situação em que pode haver menor monitoramento nas manifestações verbais e emprego de marcadores discursivos como “daí”, característico da informalidade, que se vê no exemplo.

Em síntese, afirma-se que a expressão do futebol “embolou o meio de campo”, ao misturar a palavra “embolou”, que conforme o minidicionário exposto corresponde a situações de desorganização e confusão, com o setor fundamental de um time, é equivalente a “desorganizar”, “confundir”, “enrolar”, ou “complicar” algum cenário, impedindo que ações esperadas ocorram.

5.14 *Gol de placa*

De acordo com o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, a expressão “gol de placa”, no contexto do futebol, significa um “gol marcado de forma tão espetacular que merece ser registrado em placa; golaço” (TREVISAN, 2015). Assim, quando usada fora do contexto futebolístico, a expressão em questão pode adquirir um sentido metafórico para “sucesso notável”, “grande feito” ou algo “grandioso”, como mostra o exemplo abaixo, retirado de uma reportagem publicada por Joelmir Tavares na *Folha de S. Paulo* sobre a candidatura de Ciro Gomes e as expectativas do político para o ano eleitoral de 2022:

“O presidenciável afirmou ainda que não está delirando ao insistir na candidatura, a contragosto dos correligionários e outros segmentos da esquerda que cobram uma adesão a Lula. Falou que está diante da maior chance de sua vida. ‘Não só não morde, como estou cheio de amor para dar’, gracejou, para risos na plateia com figuras ‘do baronato’, como ele classificou. ‘Me passa a bola, eu estou pedindo. Estou na área, sou ficha limpa, experiente, tenho proposta. Me dá a bola para vocês verem se eu não faço um **gol de placa** e arrumo essa casa [o Brasil].” (TAVARES, 2022)⁴²

Na passagem em questão, o jornalista Joelmir Tavares, que costumava ser repórter e hoje escreve sobre política na *Folha*, se vale sobretudo das declarações do personagem do texto, Ciro Gomes, para promover o conteúdo da sua reportagem.

⁴² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/02/ciro-aposta-em-retracao-de-bolsonaro-e-estado-de-espirito-do-eleitor.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Vale ressaltar que as reportagens, como estão ligadas ao jornalismo informativo, cujo objetivo principal é falar sobre fatos (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), buscam uma postura mais imparcial do autor. Assim, ao atribuir grande parte do conteúdo do texto aos enunciados de outra pessoa, Tavares se posiciona de modo aparentemente neutro com relação àquilo que está escrevendo para a sua audiência.

Por outro lado, Ciro Gomes, o personagem principal da reportagem, ao utilizar a expressão “gol de placa” e outras expressões futebolísticas na mesma fala – tais como “passar a bola” e “estar na área” –, não só demarca um estilo popular, por meio do qual ele busca se aproximar do público ao qual a mensagem é direcionada – neste caso, o público apto a votar nas próximas eleições – mas também evoca a visão de pleito eleitoral como jogo e de si mesmo como um jogador que, podendo participar, alcançará resultados grandiosos. Seguindo esse viés, o candidato assume uma postura confiante a respeito de si mesmo, principalmente no sentido de enaltecer a sua figura e o seu potencial como aspirante à presidência, tendo em vista acima de tudo o sentido equivalente de “grandiosidade” e “grande(s) feito(s)” que carrega a expressão “gol de placa”.

No segundo exemplo, a expressão em questão pode ser identificada como variante de “obra-prima” ou de algo “espetacular”. Na coluna escrita por Carlos Bozzo Junior sobre um festival de música, a opinião do autor do texto já está marcada nas frases iniciais: “12ª edição do Bourbon Festival Paraty comoveu até pedras: após hiato de dois anos, evento surpreende [...]”. Todavia, Junior começa sua coluna trazendo as opiniões de outras personalidades a respeito do evento, dentre elas a do auxiliar-técnico da Seleção Brasileira de Futebol, Cléber Xavier:

“Segundo o técnico de futebol gaúcho, Cléber Xavier - auxiliar de Tite na seleção brasileira de futebol -, o Bourbon Festival Paraty 2022, que aconteceu da última sexta-feira (20) até domingo, pode ser considerado um ‘gol de placa’. ‘É diferente do festival de Jericoacoara [CE], por exemplo, onde já estive e tem um palco só. Aqui tem música pela cidade toda, com atrações nacionais e estrangeiras muito boas. Sábado, assistimos ao show do Toninho Horta, que eu já conhecia, e depois vi o norte-americano Vasti Jackson, que eu não conhecia. Achei os dois shows ótimos, além disso dá para trazer a família, porque a festa é bem familiar’, disse em entrevista concedida, com exclusividade ao blog, o técnico que esteve no evento acompanhado de sua mulher e uma filha pequena.” (JUNIOR, 2022)⁴³

⁴³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/musica-em-letras/2022/05/12a-edicao-do-bourbon-festival-paraty-comoveu-ate-pedras.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Conforme visto acima, “gol de placa” serve como adjetivo para o evento sobre o qual Xavier expressa sua opinião. Esse sentido trazido por ele, curiosamente, é semelhante ao sentido da expressão no futebol, pois retrata o festival musical como algo espetacular, bem como são os gols de placa, isto é, os golaços no esporte bretão segundo o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (TREVISAN, 2015). Com isso, ao usar essa expressão, o auxiliar-técnico da Seleção assume uma postura opinativa perante o assunto. Aliás, ressalta-se que, como o falante em questão pertence ao meio futebolístico, sua opção por utilizar uma expressão do futebol é natural, levando-se em conta a sua ocupação.

Ademais, vale dizer que o autor do texto traz inicialmente a opinião de outras pessoas sobre o festival, concordando ou discordando, sendo essa a forma com que Junior dá continuidade à sua coluna depois dos parágrafos iniciais. Por serem parte do jornalismo opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), as colunas têm como característica justamente essa influência da subjetividade do jornalista no conteúdo dos textos produzidos, teoria também explorada nas funções de atitude subjetiva frente a algum enunciado (BASÍLIO, 2005).

Por último, tem-se como exemplo uma notícia esportiva que diz respeito à alta audiência atingida pela *FlaTV*, canal de *Youtube* do Clube de Regatas do Flamengo, em uma transmissão feita no referido *site* de um jogo do clube pelo Campeonato Carioca de 2020. A manchete da notícia da *Revista IstoÉ*, em parceria com a *Revista Lance* – revista de cunho futebolístico –, afirma que: “Diretor do IBOPE avalia transmissão da FlaTV como ‘gol de placa’, mas faz ressalva em relação à TV aberta”. Na continuidade do texto, a notícia ainda pontua que:

“Na visão de José Colagrossi, diretor-executivo do IBOPE, a experiência do Flamengo foi um ‘gol de placa’, com números expressivos, mas há ressalvas importantes a serem feitas, especialmente na comparação entre o alcance e penetração da transmissão digital e da transmissão ‘tradicional’, ou seja, pela TV aberta.” (ISTOÉ, 2020)⁴⁴

As notícias são comuns no jornalismo informativo, em que o foco principal está na informação a ser passada aos leitores (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), e,

⁴⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/diretor-do-ibope-avalia-transmissao-da-flatv-como-gol-de-placa-mas-faz-ressalva-em-relacao-a-tv-aberta/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

por conta dessa característica, sua linguagem costuma ser mais referencial e literal. Contudo, no exemplo acima, há a expressão “gol de placa” sendo usada metaforicamente no sentido equivalente a “grande feito” atingido, atrelada à fala de José Colagrossi, diretor-executivo do IBOPE. Ao usar essa expressão, Colagrossi assume uma postura positiva em relação ao feito medido pelo IBOPE, expressando não só o êxito no fato (a transmissão do jogo) como a perspicácia da decisão de transmiti-lo pela FlaTV, comparável à habilidade de jogadores que costumam fazer gols de placa.

A questão principal é que, ainda que não trate especificamente de futebol, como o assunto da mensagem faz uma referência ao esporte e ao clube do Flamengo, o público-leitor dessa notícia é o mesmo público que consome o jornalismo esportivo, tendo em vista principalmente que a notícia em análise foi publicada na seção de “Esportes” da *Revista IstoÉ*. Além disso, foi feita em parceria com uma revista específica sobre futebol, a *Revista Lance*.

Em suma, a expressão futebolística “gol de placa” utilizada fora do meio esportivo faz referência a algo “grandioso”, a um “grande feito”, realizado por alguém que se empenhou ou demonstrou habilidade para tanto, ou quando for equivalente a “obra-prima” e ao qualificador “espetacular”. Essas variações se apresentam de modo similar ao sentido da expressão no futebol, que designa, conforme explicitado no início desta seção, um gol espetacular (TREVISAN, 2015).

5.15 *Pisar na bola*

A expressão popular “pisar na bola”, se interpretada literalmente, designa o momento em que um jogador de futebol pisa na bola durante uma partida. Usualmente, esse movimento técnico é errôneo e feito sem intenção prévia, o que o torna equivocado no futebol. No sentido coloquial, de acordo com o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, “pisar na bola” apresenta dois sentidos, a saber: “(a) sair-se mal; falhar; (b) cometer uma mancada” (TREVISAN, 2015). Desse modo, assim como no futebol, a expressão “pisar na bola” representa alguma falha ou algum erro, seja no sentido literal, seja no sentido figurado.

Considerando o exposto, tem-se como primeira análise uma ocorrência do termo em uma coluna escrita pela editora Eliane Trindade, no *site* da *Folha de S.*

Paulo, sobre a morte precoce da cantora Marília Mendonça. No texto está demarcada a opinião da autora com relação ao comportamento da internet e das mídias a respeito do fato. A coluna encaixa-se no jornalismo opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998).

“Embora as celebridades da era digital também sejam fenômenos de massa, elas gozam de uma fama mais disforme, compartimentada. É um mundo bem mais complexo também, que parece se encontrar apenas na dor. Um mundo que anda pesado demais, como cantou Marília Mendonça. Um peso que se mede em uma balança na qual machismo, gordofobismo e tantos outros ismos parecem estar se tornando de fato inaceitáveis. Pelo menos no discurso e na prática do cancelamento. Um jeito radical de cortar a conversa com quem **pisa na bola** ou pensa diferente. Somos todos juízes e donos da verdade, pegando carona na polêmica da vez em busca de likes e aceitação nas nossas bolhas.” (TRINDADE, 2021)⁴⁵

No trecho acima, o uso da expressão “pisar na bola” é equivalente a “cometer um erro”, tal como na segunda acepção trazida pelo dicionário, pontuada anteriormente. Assim, por se tratar de um enunciado que busca opinar sobre um fato, a autora usa “pisar na bola” ao avaliar os fatos, o que colabora para projetar uma *persona* crítica, contrária às polêmicas momentâneas das redes sociais. Vale observar que a referida expressão é coloquialmente cristalizada na língua, já que o seu sentido é perfeitamente compreendido fora do meio esportivo.

Por outra perspectiva, em uma notícia publicada pela *Revista IstoÉ*, em parceria com o jornal *Estadão*, “pisar na bola” é variante, no contexto em que se encontra, de “falhar”:

“Rodriguez, veterano responsável por clássicos do cinema mais recente, como *Um Drink no Inferno* (1996) e *Planeta Terror* (2007), ficou nervoso com o novo desafio. ‘Especialmente quando a história é tão boa, você não quer **pisar na bola**’, afirma. ‘Os atores estão fantásticos, temos três vencedores do Oscar. Então foi preciso dar o melhor.’ Os atores a quem ele se refere são Jennifer Connelly, Christoph Waltz e Mahershala Ali.” (ISTOÉ, 2017)⁴⁶

A partir disso, vale ressaltar que, por ser uma notícia – gênero característico do jornalismo informativo, que se pauta, conforme já visto, nos fatos reportados

⁴⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/redesocial/2021/11/marilia-mendonca-cantou-o-mundo-anda-pesado-demais.shtml>. Acesso em: 16 ago. 2022.

⁴⁶ Disponível em: <https://istoe.com.br/no-brasil-robert-rodriguez-apresenta-alita-filme-baseado-em-manga/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

(MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998) –, a redação da revista traz para o texto as declarações de Robert Rodriguez, autor do filme baseado em mangá sobre o qual a notícia trata. Ao atribuir sentidos ao texto por meio das falas de outra pessoa, a revista mantém a aparente neutralidade pertinente aos textos do jornalismo informativo. Com isso, o uso da expressão “pisar na bola”, na passagem acima, diz respeito ao posicionamento de Rodriguez, o personagem do texto, com relação ao conteúdo do enunciado. Tal posicionamento de caracteriza por ser eufemista, já que, utilizando a expressão futebolística em análise, o cineasta suaviza o termo “falhar”, substituindo-o por um termo de uso cotidiano pelos brasileiros, tendo em vista que o objetivo dele, nesse cenário, é focar nos potenciais aspectos positivos do filme em questão.

A última ocorrência analisada consta em um comentário feito por Marcos Strecker, publicado na *Revista IstoÉ*, a respeito do atual presidente da República, Jair Bolsonaro. Nele há o uso da expressão “pisar na bola” em um sentido propositalmente ambíguo dado pelo jornalista-autor do texto:

“Léo Índio, o enrolado primo de Carlos Bolsonaro que é especialista em descolar empregos públicos em Brasília com auxílio do clã presidencial, resolveu tirar uma onda com a imagem do presidente em um jogo beneficente, em Santos. Publicou nas redes uma montagem da imagem de Jair Bolsonaro jogando (até marcou um gol duvidoso, com a ajuda constrangedora até do goleiro), sobreposta a uma histórica foto de um protesto antiditadura na Cinelândia, em 1968. Além do mau gosto de zombar da perseguição policial num regime de exceção, tentou mostrar a destreza do presidente, que se gaba do ‘histórico de atleta’. Mas as imagens não mentem. Além de **pisar na bola** e exibir uma falta de talento patética, o presidente também deu um show de improbidade administrativa.” (STRECKER, 2020)⁴⁷

Primeiramente, é importante dizer que os comentários pertencem ao jornalismo opinativo, gênero cuja principal atividade discursiva e jornalística é marcar uma posição subjetiva do jornalista sobre o assunto da mensagem (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998). Dessa forma, o autor deixa explícito a todo momento o seu posicionamento perante o tema do texto, demonstrando, ironicamente, ser desfavorável à conduta do presidente Jair Bolsonaro, personagem principal do comentário. Essa ironia é percebida quando, por exemplo, Strecker utiliza termos como “histórico de atleta” entre aspas (fazendo referência a uma fala anterior do próprio presidente) e outros adjetivos negativos que denunciam sua opinião, tais como

⁴⁷ Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-e-perna-de-pau/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

“enrolado”, “constrangedora” e “patética”, além da expressão popular “tirar onda” – o que evidencia seu estilo no trecho.

Nesse sentido, o uso da expressão futebolística “pisar na bola”, aqui, se analisado o contexto, se refere ambigualmente ao seu sentido literal no futebol – já que o comentário se vale de uma imagem do atual presidente praticando o esporte em um jogo festivo em Santos (SP) e complementa que Bolsonaro exibiu uma “falta de talento patética” –, e, além disso, se refere também à equivalência dessa expressão ao sentido de “cometer erros”, isso porque, com a continuidade do texto fazendo referência a ações políticas (como “improbidade administrativa”), fica clara essa variação de sentido. Destarte, vale dizer que essa ambiguidade é estabelecida propositalmente, na medida em que, dessa forma, o autor assume uma postura sarcástica com relação ao personagem do seu comentário.

O próprio título do texto já utiliza uma expressão do futebol (“perna de pau”) para ironizar a figura do presidente de modo ambíguo, haja vista que esta expressão é geralmente utilizada no esporte para se referir a jogadores de baixa qualidade, que não exercem suas funções corretamente. Aqui, a ideia é atribuir esse sentido também à postura de Bolsonaro no que diz respeito às suas ações políticas, para além do seu desempenho esportivo na referida partida festiva, já que o comentário estabelece esse “jogo” de ideias e de palavras proposital entre o desempenho do líder do Executivo no futebol e na política.

Assim, de acordo com a análise acima, pode-se afirmar que a expressão “pisar na bola”, que no próprio futebol já designa um erro técnico, fora do meio esportivo serve, em síntese, como variante de “cometer erros” ou de “falhar”, tal como preconizam os conceitos presentes no *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (TREVISAN, 2015). Por fim, é válido pontuar que esses sentidos, sobretudo por estarem previstos no dicionário, são cotidianos e consolidados na língua geral.

5.16 Pontapé inicial

Última expressão a ser analisada neste trabalho, “pontapé inicial”, segundo o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, é conceituada como, no

contexto futebolístico, um “toque na bola que marca o início do jogo” (TREVISAN, 2015). A partir dessa ideia, tem-se, no primeiro exemplo desta análise, o uso da referida expressão com o sentido equivalente ao de “início” de uma mudança, em uma notícia publicada pela repórter Talissa Medeiros no *g1.globo*:

“Com a certeza de que ninguém tem o direito de julgar os outros, o cabeleireiro coleciona transformações em pessoas que, como ele mesmo diz, ninguém enxerga. ‘Toda transformação eu fico ansioso. Eu não deixo a pessoa ver o resultado até eu acabar. Eu pergunto o que a pessoa quer ou não e, depois, eu a viro de costas para o espelho. Quando finalizo, é aquela choradeira. Uma das minhas maiores motivações é saber que eu dou o **pontapé inicial** na vida dessas pessoas’, explica.” (MEDEIROS, 2022)⁴⁸

A notícia acima discorre sobre as transformações estéticas que um cabeleireiro faz nas pessoas em situação de rua. Tratando-se de um gênero do jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), a jornalista foca no fato reportado, enquanto traz as falas do cabeleireiro a fim de ilustrar o texto com as declarações do personagem da notícia. Desse modo, o uso de “dar pontapé inicial” está atribuído ao discurso do cabeleireiro Leandro Matias, que, utilizando essa expressão como variante de “desencadear” – no sentido de incentivar as pessoas as quais ele ajuda a mudarem –, assume um posicionamento marcadamente subjetivo com relação ao seu relato, já que está envolvido emocionalmente na situação noticiada.

Em outra notícia publicada pelo *G1*, ou seja, no contexto do gênero jornalístico informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998) a expressão “pontapé inicial” indexa o termo “início”, tal como no futebol.

“O estudo, feito pelo Instituto de Química de São Carlos (IQSC), é o **pontapé inicial** para o desenvolvimento de um novo protocolo clínico que pode ajudar médicos e hospitais a identificar, logo nos primeiros dias de sintomas, quem deve receber cuidados diferenciados mais rapidamente, tornando-se uma importante ferramenta de triagem.” (G1, 2022)⁴⁹

O texto em questão noticia um estudo da USP (Universidade de São Paulo), realizado no Instituto de Química de São Carlos, sobre um método para identificar a gravidade da

⁴⁸ Disponível em: [Cabeleireiro que fez transformação em sem-teto já ajudou outras pessoas: 'Dou o pontapé inicial' | Sorocaba e Jundiá | G1 \(globo.com\)](#). Acesso em: 16 ago. 2022.

⁴⁹ Disponível em: [Método para identificar gravidade da Covid em pacientes infectados é desenvolvido pela USP São Carlos | São Carlos e Araraquara | G1 \(globo.com\)](#). Acesso em: 16 ago. 2022.

doença Covid-19 em pessoas infectadas. Com isso, ao utilizar a expressão “pontapé inicial”, mesmo que o gênero seja o informativo, a redação do *site* jornalístico assume uma postura otimista com relação ao tema, já que a presença da expressão em questão traz uma perspectiva futura para o estudo noticiado no texto, evocada pela metáfora.

Por último, também em um texto de jornalismo informativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), a notícia trazida pelo *g1.globo* sobre a visita de uma pesquisadora e de um restaurador a Santarém (oeste do Pará) para avaliar o acervo de Sebastião Tapajós, falecido artista natural da cidade, faz o uso da expressão “pontapé inicial” como variante de “inauguração”, “abertura das portas” de algo, outra expressão de dimensão popular e que se equivale a “início”.

“A visita de Sandra Rosa e Antônio Pacheco também é o **pontapé inicial** para o projeto ‘Sebastião Tapajós - Vida e Obra em Plataforma Digital’ que junto ao I Festival de Violão Sebastião Tapajós, irão inaugurar um calendário de eventos artísticos-culturais do IST, com recursos de duas emendas parlamentares.” (G1, 2022)⁵⁰

O trecho da notícia acima mostra que o texto é informativo, mas diferentemente do que ocorre no exemplo anterior, aqui a notícia vem no sentido de informar a população local a respeito da sequência de eventos na cidade de Santarém, e não de avaliar ou interpretar os fatos. Com alguma neutralidade, o veículo parece apenas informar ter-se realizado uma “primeira ação”, ou uma “ação inaugural” no âmbito do projeto referido.

Em resumo, essa variante é utilizada, no futebol, como equivalente a iniciar um jogo (TREVISAN, 2015). Nesse esporte, quem dá o pontapé inicial em sentido literal é um jogador que atuará na partida, dando de fato início à disputa. No entanto, em termos simbólicos, alguém do público externo, certamente uma pessoa famosa ou homenageada, pode eventualmente ser convidada para dar o “pontapé inicial” do jogo. Em consonância a isso, o sentido da expressão fora do meio futebolístico se caracteriza por usualmente ser variante de “inauguração”, “início” ou de “abrir as portas” de algo, tal como exposto nos dois últimos exemplos dessa análise. No primeiro exemplo, excepcionalmente, devido ao contexto, “pontapé inicial” apareceu como equivalente a “desencadear” ou “transformar” algo, significação incomum no futebol.

⁵⁰ Disponível em: [Pesquisadora e restaurador avaliam acervo material de Sebastião Tapajós em Santarém | Santarém e Região | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/par%C3%A1/santar%C3%A9m/regiao/noticia/2022/08/15/pesquisadora-e-restaurador-avaliam-acervo-material-de-sebastiao-tapajos-em-santar-em-santar-em-regiao-g1-globo.com). Acesso em: 16 ago. 2022.

5.17 Resultados da análise

De acordo com os exemplos de textos jornalísticos discutidos e detalhados anteriormente, pode-se dizer que as 16 (dezesesseis) expressões linguísticas analisadas, oriundas do futebol, possuem equivalências de sentido a termos comuns da língua cotidiana (ver Quadro 2). Isso as consolida como variantes cujas conceituações estão cristalizadas de modo geral no português brasileiro, tendo em vista que todos os contextos dos dados selecionados para análise não se referiam diretamente ao futebol – e na maioria deles não havia sequer uma menção ao esporte. Nesse sentido, vale ressaltar ainda que grande parte das expressões selecionadas para análise constam integral ou parcialmente em algum dos dicionários de língua geral utilizados para consulta, evidenciando sua circulação na língua cotidiana (ver Quadro 2).

Além disso, é importante explicitar que os textos jornalísticos discutidos no capítulo anterior não necessitaram apresentar ou explicar o sentido dessas expressões no contexto em que elas se encontravam. Essa perspectiva demonstra que tais variantes estão tão socialmente dadas na língua que seus falantes e interlocutores não apresentam nenhuma dificuldade de compreendê-las. Isso reforça a ideia de que não só os significados referenciais, mas os sentidos contextualmente associados aos termos são estabelecidos de acordo com a cultura, garantindo-se assim a sua interpretabilidade (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015, p. 4).

A fim de ilustrar os principais resultados da pesquisa, o Quadro 2 abaixo discrimina, de modo geral, as equivalências das expressões analisadas, bem como o posicionamento de quem as utilizou, segundo a teoria exposta por Kiesling (2009), que se mostrou de suma importância para este trabalho. Assim, vale reforçar que, segundo o autor, há uma relação entre postura (ou posicionamento) do usuário da linguagem e seu estilo sociolinguístico, ou estilo de *persona* construído sociodiscursivamente. Para Kiesling (2009), a postura é fundamental em relação ao estilo nos estudos de variação sociolinguística voltados aos significados sociais das variantes, haja vista que as variantes sociolinguísticas estão intrinsecamente ligadas a posturas oriundas dos interlocutores sobre o que se diz e sobre quem participa da interação (KIESLING, 2009). O autor destaca, ademais, que essas posturas se associam a inúmeras identidades por meio de modelos culturais (KIESLING, 2009).

A presença ou a ausência das expressões analisadas nos dicionários de língua geral consultados também são consideradas no quadro (se sim, se não ou se há presença parcial,

quando há uma variação do termo). Por fim, na quinta coluna, se encontram informações essenciais no que diz respeito aos gêneros jornalísticos dos exemplos analisados em cada variante, de acordo com a teoria e divisão elaboradas por Mendez; Villalta e Batista (1998).

Quadro 2. Principais resultados da análise qualitativa da pesquisa

<i>Expressões analisadas</i>	<i>Presente em algum dicionário?</i>	<i>Sentido(s) equivalente(s)</i>	<i>Postura(s) assumida(s) pelo enunciador</i>	<i>Gênero(s) jornalístico(s)</i>
1. Pendurar as chuteiras	Sim	Aposentar-se; retirar-se de algo	Jocosa; séria; crítica	Opinativo; informativo
2. Bola dividida	Parcialmente	Disputa; embate; impasse; polêmica; situação polarizada	Eufemista; dramática	Informativo; interpretativo
3. Canelada	Sim	Briga; embate; teimosia; decisão equivocada; insulto; ofensa	Discordância; ironia (contrariedade); aproximação com a audiência	Opinativo; interpretativo
4. Dar um olé	Parcialmente	Esquivar-se; enganar; driblar; desconcertar; gingado; rebolado	Sarcástica (sutil); bem-humorada; sensacionalista	Diversional; informativo; interpretativo
5. Driblar	Sim	Evitar; fugir; esquivar-se; enganar; sobreviver a	Neutra; expressiva; didática (explicativa)	Informativo; opinativo
6. Cartão vermelho	Parcialmente	Expulsar ou expulsão	Impactante; alinhada com o público; neutra; simbólica	Opinativo

7. Bater na trave	Parcialmente	Quase; chegar perto; por pouco	Popular; expressiva; positiva	Informativo; opinativo
8. Goleada	Sim	Ampla vantagem ou derrota	De "torcedor"; raivosa; metafórica; opinativa	Informativo; opinativo
9. Jogada ensaiada	Não	Estratégia; combinação; manobra (pejorativo)	Irônica; negativa	Informativo; opinativo
10. Aos 45 do segundo tempo	Não	Em cima da hora; reta final	Irônica (jocosa); despojada; alinhada com o público; didática (explicativa)	Opinativo; diversional; informativo
11. Chutar	Sim	Tentar acertar na sorte	Didática (explicativa)	Informativo; opinativo
12. Em time que está ganhando não se mexe	Não	Manter o que está dando certo	Imparcial; parcial (implícita); impositiva	Informativo
13. Embolou o meio de campo	Parcialmente	Impedir; Desorganizar; confundir; enrolar; complicar; desafiar	Opinativa; menos contundente; informal; de desabafo	Informativo; opinativo
14. Gol de placa	Sim	Grande feito; sucesso notável; obra-prima; espetacular	Confiante; opinativa; positiva	Informativo; opinativo

15. Pisar na bola	Sim	Cometer erros ou equívocos; falhar	Crítica; eufemista; irônica	Opinativo; informativo; interpretativo
16. Pontapé inicial	Sim	Início; abrir as portas de algo; desencadear; transformar; retomar; inaugurar	Subjetiva; otimista; informativa	Informativo

Fonte: elaborado pela autora.

Nota-se, com base no Quadro 2 acima, que embora tenha-se confirmado a hipótese inicial de que os usuários da linguagem buscariam alinhar-se ao público-leitor ao usar os termos do futebol, não foi somente essa a motivação para o uso dessas expressões. Junto com ela, vieram posicionamentos construídos perante o conteúdo os textos e perante a audiência, sendo que esses posicionamentos variaram sobretudo de acordo com o contexto. Nesse sentido, entendem-se por contexto as atividades discursivas dos gêneros jornalísticos – isto é, o propósito e o objetivo dos enunciados utilizados como exemplo – e os conteúdos a respeito dos quais os textos discorriam.

Tal perspectiva do contexto é importante, já que muitas vezes uma mesma expressão se apresentou como variante de diferentes termos e provocou a constatação de distintas posturas por parte dos jornais *Folha de S. Paulo* e *G1* e da revista *IstoÉ*, bem como dos seus profissionais e respectivos estilos (quando identificados). Assim, destaca-se que os gêneros jornalísticos que mais se sobressaíram na pesquisa foram o informativo e o opinativo (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), a partir do que se infere que as atividades de informar um fato e opinar sobre informações variadas são as que mais propiciam aparições de termos do futebol.

Sob esse viés, muitos dos posicionamentos apontados como neutros, imparciais ou explicativos (didáticos) no capítulo anterior diziam respeito ao uso de determinada variante futebolística em textos do jornalismo informativo, cujo objetivo principal é apresentar os fatos e informações de modo neutro à população (MENDEZ; VILLALTA e BATISTA, 1998), ainda que Medina (2001, p. 51) pontue que “a objetividade jornalística (é) um mito”. Portanto, em grande parte das vezes, os exemplos analisados desses textos informativos

apresentavam as referidas expressões futebolísticas de modo aparentemente imparcial (evidenciando a cristalização delas na língua) ou por meio do discurso de terceiros (eximindo-se da responsabilidade pelo sentido dos termos). Em outros casos, havia a projeção de opiniões subjetivas nos textos informativos, mas de modo velado. Além disso, vale dizer que os posicionamentos marcados como “expressivos” se referem, basicamente, ao uso das variantes em questão como recurso linguístico (não literal, figurado), não implicando necessariamente uma postura mais contundente.

Já nos textos de gênero opinativo, a maioria das posturas evidenciadas era dependente da subjetividade dos autores, visto que a função de atitude subjetiva frente a algum enunciado (BASÍLIO, 2005) é muito comum em textos do jornalismo opinativo. Dessa forma, grande parte das posturas analisadas que demonstraram algum tipo de opinião explícita, sentimento ou intenção pessoal do enunciador dizem respeito aos exemplos deste gênero.

Por fim, destaca-se nesta seção uma curiosidade a respeito de uma parcela considerável dos dados analisados: uma parte notável deles corresponde a assuntos de ordem política. A ideia da política como um jogo, com suas disputas, antagonismos e estratégias, é muito presente nessa área. Assim, acredita-se que, por conta do fato de estadistas, figuras políticas e comunicadores que falam sobre esse tema necessitarem do domínio retórico para atingir a maior variedade de pessoas possível, usar termos do futebol ao abordar política seja coerente com a área e um recurso interessante para se fazer entender.

Nesse sentido, as variantes futebolísticas se consolidam na medida em que seu uso na língua geral é impulsionado pela popularidade e influência do futebol na cultura brasileira (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015). Com isso, os políticos e jornalistas políticos, que em sua maioria dissertam opinativamente sobre os assuntos, por meio do uso de variados termos do futebol, se “misturam” à sua audiência (RAPOSO, 2008), construindo diversas posturas, contextualizadas no capítulo anterior e sintetizadas no Quadro 2 acima. Essa perspectiva evidencia, portanto, a visão desses falantes no que diz respeito à política como um jogo de poder, metaforizada pelo futebol.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No último capítulo deste trabalho, serão tecidas as considerações finais a respeito da influência sociocultural do futebol na língua geral, a partir da análise dos dados de textos jornalísticos no capítulo anterior, bem como dos resultados apresentados. Os objetivos deste capítulo, portanto, pautam-se na intenção de realizar um fechamento do trabalho, com a retomada e a discussão das ideias postas ao longo desta pesquisa. Dessa maneira, o que foi levantado está relacionado principalmente com a sociolinguística do posicionamento (KIESLING, 2009) e com as demais teorias já explicadas a respeito da linguagem e da cultura brasileiras, sobretudo no tocante à influência mútua entre uma e outra e nos elementos de identidade e identificação que as permeiam.

6.1 Conclusão

Diante do exposto nos resultados e nas considerações tecidas na análise e ao longo dos capítulos anteriores, é possível afirmar que os objetivos deste trabalho foram atingidos. Identificou-se o uso de expressões futebolísticas fora do meio esportivo, bem como as posturas e intenções dos falantes acerca dessa utilização. O grande número de dados e materiais coletados para análise certamente contribuiu para o alcance dos objetivos, que atestam a influência do futebol no PB por ser um considerável elemento da cultura brasileira.

O futebol, da maneira como é dramatizado e está presente na sociedade brasileira (DAMATTA, 1982), permite a expressão dela própria em relação à história e à simbologia da cultura do Brasil (RINALDI, 2000). Nesse sentido, o esporte bretão é um fator cultural que, por conta da sua grande popularidade, se reflete em outras esferas da vida social tupiniquim, sendo, com isso, uma boa forma de representar o país, pois constrói retratos da vida brasileira em conjunto (TRICHES, 2020).

O futebol é uma das esferas da vida social que mais se sobressaem no quesito de identificação popular e determinação cultural. Nesse cenário, o esporte em questão acaba por influenciar também o uso linguístico dos falantes do PB, visto que as expressões futebolísticas são comuns em falas e em textos cotidianos, como jornais, revistas, blogs e demais gêneros e situações, tratando dos mais diversos temas, que, muitas vezes, não remetem necessariamente ao futebol, em diferentes graus de formalidade (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015). Dessa forma, os falantes da língua conseguem facilmente atribuir sentido a essas expressões, já que tais variantes, tal

qual o próprio futebol, estão cristalizadas e enraizadas nos âmbitos sociocultural e linguístico do Brasil.

Retomando ideias de Coelho e Mesquita (2013), cultura, língua e identidade (social e individual) estão interligadas. Segundo as autoras, “a língua identifica o indivíduo como parte de uma sociedade, inserindo-se, portanto, na cultura desta sociedade” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 33). Destarte, língua, cultura e identidade se influenciam constantemente e, ademais, se relacionam com os processos de constituição de sujeitos (COELHO; MESQUITA, 2013), o que leva ao entendimento de que a cultura de uma sociedade relaciona-se às identidades dos sujeitos e aos significados sociais que as variantes linguísticas podem indexar.

É nesse contexto que o futebol, paixão nacional, entra como parte constituinte do léxico do PB. Inúmeras expressões linguísticas vindas desse esporte e propagadas no dia a dia da língua geral são destacadas por Kupper (2020, p. 183) como “futebolês”. Em síntese, como constatam Oliveira e Ferrarezi (2015, p. 3):

“uma linguagem própria do futebol foi transposta para o cotidiano dos brasileiros e ganhou significações diversas, a ponto de a mesma expressão assumir em inúmeros casos valores de sentido diferentes, variando de acordo com o contexto e, também, de acordo com o cenário em que está inserida”.

É a respeito dessa ideia que se pauta a apresentação das conclusões desta pesquisa. Esta evidenciou que as variantes futebolísticas analisadas variaram em termos de sentido e posicionamento sociolinguístico (KIESLING, 2009) – teoria reforçada na seção anterior – de acordo com o contexto em que se encontravam. Assim, concluímos que o futebol proporciona à sociedade brasileira, além das questões de identificação, paixão e dramaticidade (DAMATTA, 1982), um enriquecimento linguístico, uma vez que os falantes se valem de termos e expressões oriundas desse esporte como variantes para se comunicar de modo mais eficaz (OLIVEIRA; FERRAREZI, 2015), construindo *personae* e projetando posicionamentos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Silvana Silva de Farias; SOUSA, Nilton Carlos Carmo. A história social do português do Brasil e o preconceito linguístico. **Tabuleiro de Letras**. Salvador, v. 12, n. 3, p. 82-96, out./dez. 2018. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5568>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ARISTÓTELES. **Retórica I (1356a)**. Tradução de Manuel Alexandre Junior et al. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ASSIS, Francisco de. Jornalismo diversional: a diversão pela forma. **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 143-152, jan./jun. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Fontes, 1997.

BASÍLIO, Margarida. Função sintática, função semântica e função discursiva. In: _____. (org.). **Teoria lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BATTISTI, Elisa; OTHERO, Gabriel; FLORES, Valdir do Nascimento. **Conceitos Básicos de Linguística: sistemas conceituais**. São Paulo: Contexto, 2021.

_____.; _____.; _____. **Conceitos Básicos de Linguística: noções gerais**. São Paulo: Contexto, 2022.

BENTO, Jorge Olímpio. Futebol: sonhos, paixões e cultura. **Revista USP**. São Paulo, n. 99, p. 11-30, set./nov. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76214>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BERTOCCHI, Daniela. Gêneros jornalísticos em espaços digitais. **Livro de Actas/SOPCOM**. Aveiro/POR, v. 27, p. 1287-1299, out. 2005. Disponível em: <https://danielabertocchi.com/2005/10/20/generos-jornalisticos-em-espacos-digitais-sopcom-2005/>. Acesso em: 25 de agosto. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Langage et Pouvoir symbolique**. Éditions Fayard, 2001.

CAMPOS-TOSCANO, Ana Lúcia Furquim et al. FOLHA DE S. PAULO: uma análise do discurso jornalístico nos suportes internet e jornal impresso. **Revista Eletrônica**

de Letras (Online), v. 7, n. 1, p. 1-39, jan./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unifacel.com.br/index.php/rel/article/view/843>. Acesso em: 25 ago. 2022.

_____. **O percurso dos gêneros do discurso publicitário**: uma análise das propagandas da Coca-Cola. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CARLOS, Valeska Gracioso; ETTO, Rodrigo Mazer. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 721-739, 2017. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/view/444>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CARVALHO, Alexandre Irineu; MARCHI, Francisco L. de. **Futebol: história e bastidores de uma paixão nacional**. Goiânia: Vieira, 2006.

CHANDLER, Daniel. **An introduction to genre theory**: the problem of definition. London. <http://www.aber.ac.uk/~dgc/intgenre.html>. 1997.

CHISHMAN, Rove Luiza de Oliveira. et al. Field – Dicionário de Expressões do Futebol: um recurso lexicográfico baseado no aporte teórico-metodológico da Semântica de Frames e da Linguística de Corpus. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 67, p. 25-35, jul./dez. 2014. Disponível em: <Http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 22 ago. 2022.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **ENTRELETRAS**. Araguaína, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/975>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; VEJMEKKA, Marcel. Futebol e política: transculturação e transformação no mundo da língua portuguesa. **FuLiA/UFMG**. Belo Horizonte e GERMERSHEIM/ALE, v. 4, n. 3, p. 3-8, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/22082>. Acesso em: 25 ago. 2022.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: _____. (org.). **Universo do Futebol. Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, Jocimar. *As contradições do futebol brasileiro*. In: CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Cultura: Educação física e futebol**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERRAREZI JR., Celso. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas, v. 58, n. 3, p. 445-460, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170>. Acesso em: 25 ago. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Objetiva, 2009.

_____.; _____.; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2019.

JUNIOR, Manuel José Veronez de Sousa. Uma relação reflexiva e teórica, por meio da ideia de interação, entre a sociolinguística interacional de John Gumperz e o interacionismo sócio-histórico de Lev Vygotsky. **Domínios de Linguagem**. Uberlândia, v. 9, n. 5, p. 105-123, fev./mai. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 25 ago. 2022.

KIESLING, Scott F. Constructing identity. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, Natalie. (org.). **The Handbook of Language Variation and Change**. 2 ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2013.

_____. Style as stance: stance as the explanation for patterns of Sociolinguistic Variation. In: JAFFE, Alexandra. (org.). **Stance: sociolinguistic perspectives**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2009.

_____. The “Gay Voice” and “Brospeak”: Toward a Systematic Model of Stance. In: HALL, Kira; BARRETT, Rusty. (org.). **Oxford handbook of language and sexuality**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2019.

KNACK, Carolina. A língua como prática humana. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 394-403, set./dez. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8583>. Acesso em: 25 ago. 2022.

KUPPER, Agnaldo. O futebol também ensina. **Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação**. Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 171-184, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/29651>. Acesso em: 25 ago. 2022.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **The social motivation of a sound change**. Nova Iorque: World, 1963.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Estádios de futebol e linguagem: potencialidades, limites e efeitos político-ideológicos de expressões metafóricas. **FuLiA/UFMG**. Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 116-134, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/22013>. Acesso em: 25 ago. 2022.

LOPES, Shara Lylian de Castro. Posição, posicionamento e estereótipo: um diálogo entre as perspectivas sociolinguística e discursiva. **Forum Lingüístic**. Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 6031-6043, abr./jun. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MAGNO, Attila; SILVA, Barbosa. O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 10, n. 2, p. 173-

186, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70310204>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. Posicionamento. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARANHÃO, Haroldo. **Dicionário do Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MASCARENHAS, Fernando; SILVA, Silvio Ricardo da; SANTOS, Mariângela Ribeiro dos. Lulismo e futebol: os discursos de um torcedor presidente. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 495-517, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/lulismo-e-futebol-os-discursos-de-um-torcedor-presidente/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, n. 1, p. 45-55, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MELO, Victor Andrade de. *Futebol: que história é essa?!* In: CARRANO, Paulo Cesar R. (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MENDEZ, Rosemary Bars; VILLALTA, Daniella Crespim; BATISTA, Gláubio. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife, p. 1-23. 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

NEGREIROS, Plínio José L. de C. Futebol e identidade nacional. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA**, 1997. Ijuí. [Trabalhos...] Ijuí: Ed. da UNIJUI, 1997. Acesso em: 22 ago. 2022.

OCHS, Elinor. Indexing gender. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. (org.). **Rethinking context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, Ana Beatriz de. Representações dos heróis esportivos: comparação entre a copa de 1970 e 1994. In: **Congresso brasileiro de história do esporte**,

lazer e educação física: caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física, 4., 1998. Rio de Janeiro. Coletânea... Rio de Janeiro: Ed. Universidade Gama Filho, 1998.

OLIVEIRA, Heliucio de; FERRAREZI JR, Celso. A Influência do Futebol no Léxico do Português Brasileiro. **Revista (Entre Parênteses)**. Alfenas, v. 1, n. 5, p. 1-10, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.32988/rep.v1i4.385>. Acesso em: 22 ago. 2022.

PERELMAN, Chaïm. Argumentação. **Enciclopédia Einaudim**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 11, p. 234-265, 1987.

_____.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

RAPOSO, Kariny Cristina de Souza. Expressões idiomáticas do Português do Brasil: uma abordagem discursiva. **SIGNUM: Estud. Ling.** Londrina, n. 11/1, p. 181-200, jul. 2008.

RIBOLDI, Ari. **Cabeça de Bagre**: termos, expressões e gírias do futebol. Porto Alegre: AGE, 2008.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, mai./set. 2000. Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/programa-academia-futebol/artigos/manifestacao_cultural_ideologizacao.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. **Revista de Comunicação e Linguagem**. Lisboa, n. 8. 1988.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. In: **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em: 25 ago. 2022.

SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes; SOUZA, Davi Pereira. Fluxo de fraseologismos entre o futebol e outros domínios. **Verbum, cadernos de pós-graduação (PUC-SP)**. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 176-195, mai. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2316-3267.2021v10i1p176-195>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. Linguagem, cognição e cultura: a hipótese de Sapir-Whorf. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n. 56, p. 229-240, nov. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/83356>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, Saulo Emanuel Ribeiro dos; SCAGLIA, Alcides José. Como se ensina e como se aprende o futebol através de um prática interacionista. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal, v. 7, n. 10, p. 162-178, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=108>. Acesso em: 25 ago. 2022.

SILVA, Paulo Cesar Garré; SOUSA, Antonio Paulino de. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**. São Luís, v. 10, n. 3, p. 260-285, set./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/7726>. Acesso em: 25 ago. 2022.

SOARES, Antônio Jorge G. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDEC/UFES, 1994.

SOUZA, Glauco José Costa. O futebol nós podemos jogar: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. **Revista Recorde**. Rio de Janeiro, v. 8, p. 46, 2015.

TELES, Tércia Ataíde França. Linguagem e identidade social - uma abordagem sociolinguística. **Consultado a**. Brasília, v. 11, p. 05-10, 2020. Disponível em: http://cettrans.com.br/assets/artigoscongresso/Tercia_Ataide_Franca_Teles.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

TERMIGNONI, Susana; FINATTO; Maria José Bocorny. Sobre a importância de ensinar expressões idiomáticas. **Revista de Italianística XXXV**. Porto Alegre, n. 35, p. 112-124. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/141895>. Acesso em: 25 ago. 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TREVISAN, Rosana. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

TRICHES, Vinicius. Sociedade e cultura futebolística: a visão e significância do futebol para o povo brasileiro como um elemento do pertencimento e autoestima. **Revista Kinesis**. Santa Maria, v. 38, p. 01-14. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/38403>. Acesso em: 25 ago. 2022.

**ANEXO A – AS 46 (QUARENTA E SEIS) EXPRESSÕES LEVANTADAS AO
TOTAL⁵¹**

Todas as expressões levantadas (em ordem alfabética)

1. Aos 45 do segundo tempo
2. Baixar a bola
3. Bate-bola
4. Bater na trave
5. Bater um bolão
6. Bola da vez
7. Bola dividida
8. Bola nas costas
9. Canelada
10. Cartão amarelo
11. Cartão vermelho
12. Chamar o VAR
13. Chutar
14. Comer bola
15. Contra-atacar
16. Correr para o abraço
17. Dar bola fora
18. Dar um olé
19. Deixar de escanteio
20. Deixar de fora da jogada
21. Dentro (fora) das 4 linhas
22. Driblar
23. Embolou o meio de campo
24. Empurrar para o gol
25. Em time que está ganhando não se mexe
26. Entrar em campo
27. Fazer um golaço
28. Gol contra

⁵¹ Coleta feita pela autora com base sobretudo nos dicionários de futebol de Maranhão (1998) e Riboldi (2008).

29. Gol de honra
30. Gol de placa
31. Goleada
32. Jogada ensaiada
33. Marcação cerrada
34. Matar no peito
35. Na marca do pênalti
36. Nessa altura do campeonato
37. Pegar o rebote
38. Pendurar as chuteiras
39. Pisar na bola
40. Pontapé inicial
41. Quem não faz, leva
42. Suar a camisa
43. Tirar o time de campo
44. Vestir a camisa
45. Virar o jogo
46. (Não) Dar bola